



**Universidade Católica Portuguesa  
Centro Regional de Braga**

**Determinantes da Satisfação Conjugal: Felicidade, Bem-estar subjetivo, Personalidade e Satisfação sexual**

Dissertação de Mestrado apresentada à  
Universidade Católica Portuguesa para  
obtenção do grau de mestre em **Psicologia  
Clínica e da Saúde**.

**Tânia Alexandra Martins Carvalho**



FACULDADE DE FILOSOFIA  
OUTUBRO 2013



**Universidade Católica Portuguesa  
Centro Regional de Braga**

**Determinantes da Satisfação Conjugal: Felicidade, Bem-estar subjetivo, Personalidade e Satisfação sexual**

Dissertação de Mestrado apresentada à  
Universidade Católica Portuguesa para  
obtenção do grau de mestre em **Psicologia  
Clínica e da Saúde.**

**Tânia Alexandra Martins Carvalho**

Sob a Orientação da Prof.<sup>a</sup> Doutora **Eleonora Cunha  
Veiga Costa**



FACULDADE DE FILOSOFIA  
OUTUBRO 2013

## **Agradecimentos**

Esta Dissertação constitui o resultado de um trabalho intenso e dedicado, num caminho partilhado por professores e colegas ao longo dos últimos cinco anos. Nestes anos tive a oportunidade e o prazer de conviver com pessoas que marcaram a minha formação, permitindo-me alargar horizontes e revelando outras formas possíveis de estar e pensar, às quais tenho a agradecer. Agradeço à Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa que me permitiu realizar mais uma etapa na minha vida.

À Professora Doutora Eleonora Costa, minha orientadora, por ter acreditado nas minhas capacidades para elaborar o presente trabalho e por me ter conduzido num processo de grande aprendizagem e excelência, através de um enorme profissionalismo e valores humanos.

Agradeço aos homens e mulheres que participaram neste estudo, visto que sem a sua voluntariedade este projeto não teria sido possível de realizar.

Aos meus pais, familiares e amigos por toda a ajuda, apoio e admiração que sempre demonstraram ao longo do meu percurso profissional, os quais foram essenciais para a minha motivação diária para nunca desistir ao longo deste árduo trabalho.

Ao Nelson, pelo amor, amizade, compreensão e equilíbrio que sempre me proporcionou e pelo incentivo e persistência em ser cada vez melhor, como profissional e como Ser Humano.

À minha querida amiga Cátia pelo incentivo e apoio nas grandes decisões a tomar na minha vida e pelos bons momentos vividos ao longo destes anos.

Um muito obrigado a todos!

## **Resumo**

Sendo uma necessidade fundamental do Homem na vida adulta, o casamento é considerado um investimento afetivo e emocional entre duas pessoas. Este estudo teve como objetivo verificar a associação existente entre a satisfação conjugal e alguns determinantes da mesma, como a felicidade, o bem-estar subjetivo, a personalidade e a satisfação sexual. Trata-se de um estudo quantitativo correlacional a uma amostra constituída por 136 adultos. Foram utilizados como instrumentos de avaliação o Questionário Sociodemográfico, a Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC), o Índice de Bem-estar Pessoal (IBP), a Escala Sobre a Felicidade e o Inventário da Personalidade NEO-FFI. Os principais resultados revelam que os indivíduos mais felizes apresentam-se mais satisfeitos em áreas da vida conjugal, como nas relações extrafamiliares, continuidade da relação, comunicação e gestão de conflitos, sentimentos e expressão dos mesmos, sexualidade e intimidade emocional. Verificamos, também, que o bem-estar subjetivo está associado ao modo como os indivíduos geram os conflitos, a uma melhor comunicação e uma maior intimidade emocional. Porém, não se encontra associado às funções familiares e aos tempos livres. A satisfação sexual encontra-se fortemente associada à satisfação conjugal, sendo a variável que maior associação apresenta. Por outro lado, não parecem existir diferenças significativas de género relativamente à satisfação conjugal, ao grau de felicidade, ao bem-estar subjectivo, à personalidade e à satisfação sexual.

**Palavras-chave:** casamento, satisfação conjugal, felicidade, bem-estar subjectivo, personalidade, satisfação sexual.

## **Abstract**

Being a fundamental need of man in adulthood, marriage is considered an affective and emotional investment between two people. This study aimed to investigate the association between marital satisfaction and some determinants of the same, as happiness, subjective well-being, personality and sexual satisfaction. This is a quantitative correlation to a sample of 136 adults. Were used as instruments to assess the Sociodemographic Questionnaire, the Rating Scale Areas of Life Satisfaction in Marriage, the Index Wellness Personal, the Scale About Happiness and the Personality Inventory NEO-FFI. The main results reveal that individuals have happier more satisfied in areas of marital life, as in extra-familial relationships, continuity of relationship, communication and conflict management, feelings and their expression, sexuality and emotional intimacy. We also verified that the subjective well-being is associated with how individuals generate conflict, better communication and greater emotional intimacy. However, is not associated with family roles and leisure. Sexual satisfaction is strongly associated with marital satisfaction, and the variable that has the greatest association. On the other hand, there appear to be significant gender differences regarding marital satisfaction, the degree of happiness, subjective well-being, personality and sexual satisfaction.

**Keywords:** marriage, marital satisfaction, happiness, subjective well-being, personality, sexual satisfaction.

## ÍNDICE GERAL

---

Agradecimentos .....	I
Resumo .....	II
Abstract .....	III
Índice geral .....	IV
Índice de quadros .....	VI
Índice de anexos .....	VII

<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
-------------------------	----------

### PARTE I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

<b>Capítulo I: O Casamento .....</b>	<b>4</b>
<i>1.1 O casamento: Evolução do conceito .....</i>	<i>4</i>
<i>1.2 Epidemiologia .....</i>	<i>7</i>
<i>1.3 Homens e mulheres face ao casamento: Posição de cada um na relação .....</i>	<i>8</i>
<b>Capítulo II: Determinantes da Qualidade Marital .....</b>	<b>12</b>
<i>2.1 Satisfação conjugal .....</i>	<i>13</i>
<i>2.2 Relação amorosa e felicidade .....</i>	<i>16</i>
<i>2.3 Conjugalidade e bem-estar subjectivo: Satisfação com a vida .....</i>	<i>18</i>
<i>2.4 Personalidade e sucesso conjugal .....</i>	<i>20</i>
<i>2.5 Relação Sexual: Satisfação conjugal e intimidade .....</i>	<i>23</i>

### PARTE II: INVESTIGAÇÃO EMPIRICA

<b>Capítulo III: Metodologia .....</b>	<b>28</b>
<i>3.1 Enquadramento metodológico do estudo .....</i>	<i>28</i>
3.1.1 Objetivos .....	28
3.1.2 Hipóteses .....	28

3.1.3 Variáveis .....	29
3.1.4 Procedimentos de recolha de dados .....	29
<b>3.2 Método</b> .....	<b>30</b>
3.2.1 Design de investigação .....	30
3.2.2 Amostra .....	31
3.2.3 Instrumentos .....	34
3.2.3.1 Questionário Sociodemográfico .....	34
3.2.3.2 EASAVIC – Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal .....	35
3.2.3.3 Questionário da Personalidade NEO-FFI .....	39
3.2.3.4 IBP – Índice de Bem-estar Pessoal .....	41
3.2.3.5 ESAF – Escala Sobre a Felicidade .....	43
3.2.4 Procedimentos de análise e tratamento de dados .....	50
<b>Capítulo IV: Apresentação dos resultados</b> .....	<b>52</b>
4.1 Hipótese 1 .....	52
4.2 Hipótese 2 .....	54
4.3 Hipótese 3 .....	56
4.4 Hipótese 4 .....	57
<b>Capítulo V: Discussão dos resultados e conclusões finais</b> .....	<b>60</b>
5.1. Discussão dos resultados .....	60
5.1.1 Hipótese 1 .....	60
5.1.2 Hipótese 2 .....	61
5.1.3 Hipótese 3 .....	62
5.1.4 Hipótese 4 .....	63
5.2. Limitações de estudo .....	65
5.3. Implicações futuras .....	66
5.4. Conclusão final e implicações futuras .....	67

<b>Referências Bibliográficas</b> .....	79
<b>Anexos</b> .....	80

## ÍNDICE DE QUADROS

---

Quadro 1: Apresentação das variáveis estudadas, questionários utilizados e momentos de avaliação .....	30
Quadro 2: Caracterização Sóciodemográfica da amostra (N=136) .....	33
Quadro 3: Resultados da análise da consistência interna da EASAVIC (N=136) .....	36
Quadro 4: Resultados da análise da consistência interna das subescalas da EASAVIC (N=136) .....	39
Quadro 5: Resultados da análise da consistência interna do IBP (N=136) .....	40
Quadro 6: Resultados da análise da consistência interna da ESAF (N=136) .....	42
Quadro 7: Resultados da análise da consistência interna do NEO-FFI (N=136) ...	45
Quadro 8: Resultados da análise da consistência interna das subescalas do NEO-FFI (N=136) .....	50
Quadro 9: Correlações <i>Spearman</i> entre Satisfação conjugal e Felicidade (N=136) .....	53
Quadro 10: Correlações <i>Spearman</i> entre Satisfação conjugal e Bem-Estar Subjectivo (N=136) .....	55
Quadro 11: Correlações <i>Spearman</i> entre Satisfação conjugal e Satisfação Sexual (N=136) .....	56
Quadro 12: Teste U de Mann-Whitney para a diferença de géneros nas variáveis: satisfação conjugal, felicidade, bem-estar subjectivo e satisfação sexual (N=136) .....	58

## ÍNDICE DE ANEXOS

---

Anexo I – Consentimento Informado .....	81
Anexo II – Questionário Sóciodemográfico .....	83
Anexo III – Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC) .....	86
Anexo IV – Escala Sobre a Felicidade (ESAF) .....	89
Anexo V – Índice de Bem-estar Pessoal (IBP) .....	91
Anexo VI – Inventário da Personalidade NEO-FFI .....	93

## INTRODUÇÃO

“ A principal lei da vida que faz o casamento um caminho para a felicidade não é ser desprovido de espinhos, mas plenamente realizador quando bem vivido”

*Nascimento, Lopes, Cerutti, Esteves, Iatchac e Argimon, 2011, p.10*

Vários autores defendem que o Homem é um ser social e, deste modo, considera as relações de intimidade como uma necessidade humana fundamental (Narciso & Ribeiro, 2009; Oleiro, 2011). Segundo Goleman (2010) uma vida sem paixão seria como um deserto dividido e isolado da fecundidade da própria vida do Ser Humano.

As relações íntimas “são um aspeto central da vida adulta e a qualidade das mesmas tem implicações não só na saúde mental, mas também na saúde física e na vida profissional de homens e mulheres” (Fortunato, 2009, p.3).

Ao longo do século XX, várias investigações procuraram compreender a vida amorosa e as qualidades desses mesmos relacionamentos (Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt & Sharlin, 2004), verificando-se que ao longo do último século as pesquisas realizadas sobre a vida amorosa e o relacionamento conjugal têm-se multiplicado (Marcão, 2008).

Assim, a pertinência do tema deve-se, fundamentalmente, ao número cada vez maior de divórcios e, conseqüentemente, às diversas investigações que têm questionado o motivo e as razões que fazem o casamento durar (Litzinger & Gordon, 2007). Também Hall (2006) menciona a pertinência e a necessidade de refletir sobre o casamento e as atribuições que lhe são dadas, uma vez que a forma como este é compreendido encontra-se relacionada com o funcionamento e o comportamento conjugal.

Desde que o casamento começou a ser seguido por um declínio conjugal, criou-se a necessidade de verificar quais os processos de mudança e de desenvolvimento ao longo do relacionamento e das peculiaridades que contribuem para a sua conservação (Kurdek, 1998; cit in Faulkner, Davey & Davey, 2005).

A natureza dos relacionamentos amorosos é um tema intemporal e sem fronteiras geográficas (Silva, 2008), envolvendo todo um conjunto de necessidades

psicológicas, tal como companheirismo, satisfação sexual, apoio emocional, partilha de alegrias, auto-revelação e descoberta (Fortunato, 2009).

De acordo com Norgren e os seus colaboradores (2004), o casamento pode significar uma fonte de crescimento e aprendizagem pessoal, sendo que Fortunato (2009) refere que os casais devem de estar preparados para desenvolverem e garantirem o amor nas diferentes fases do casamento, nos diferentes significados, nas dinâmicas conjugais e nos sentimentos.

Um casamento realizado está associado a menores taxas de mortalidade, baixa incidência de comportamentos de risco, maior bem-estar e saúde mental, bem como reduzidos índices de comportamento antisocial (Johnson & Schulenberg, 1997; cit in Johnson, McGue, Krueger & Bouchard, 2004).

Por sua vez, Buss (1989; cit in Shackelford & Buss, 2000) refere que a insatisfação conjugal pode funcionar como motivação, uma vez que pode levar o indivíduo a tentar mudar os aspetos negativos e desfavoráveis da relação ou, então, procurar outra pessoa que responda às suas necessidades. Para Narciso (1994; cit in Fortunato, 2009) o grau em que estas necessidades são satisfeitas, determinará o grau de vinculação e afeição que existe entre os membros do casal.

Ao nível estrutural, a presente investigação encontra-se dividida em duas partes distintas. Na primeira parte apresentamos uma revisão da literatura científica sobre a temática, subdividindo-se em dois capítulos que se dedicam ao conceito de casamento, à sua epidemiologia e ao modo como este é experienciado por ambos os sexos, bem como aos determinantes da qualidade marital, nomeadamente a satisfação conjugal, a relação entre a vida amorosa e felicidade, a conjugalidade e o bem-estar subjetivo, a personalidade e o sucesso conjugal e a relação sexual.

Na segunda parte apresentamos a investigação empírica realizada, incluindo três capítulos dedicados ao processo metodológico, à apresentação e discussão dos resultados e à respetiva conclusão.

**PARTE I**  
***ENQUADRAMENTO TEÓRICO***

## Capítulo I: O Casamento

---

Na contemporaneidade, o casamento é perspetivado como uma relação de intenso significado entre duas pessoas (Marcão, 2008), sendo uma atividade praticada com grande frequência na era pós-moderna (Dias, 2009).

Neste capítulo são referenciados alguns conceitos sobre o casamento e a evolução do seu significado. É, de igual modo, retratada a epidemiologia desta temática, relativamente ao número de casamentos em Portugal e as regiões do país que apresentam maior percentagem. Por fim, são mencionadas as diferenças de género face ao casamento e a posição que cada um dos elementos ocupa na relação.

### *1.1 O casamento: Evolução do conceito*

De acordo com vários autores, o amor e as relações de intimidade são elementos centrais na vida do ser humano, estando como que programados para se apaixonarem, criarem laços afetuosos, construírem vínculos e dedicarem-se à construção de uma vida a dois (Wright, Simmons & Campbell, 2007). Também Norgren e colaboradores (2004), mencionam que as relações amorosas fazem parte integrante da vida adulta e que a qualidade da mesma influenciará a saúde física e mental dos elementos da relação. De acordo com Relvas e Alarcão (2002, p. 204; cit in Gomes, 2011) “a vida a dois começa, muitas vezes, desde os primeiros encontros que fixam, desde logo, um quadro de mudanças”. O início de uma relação começa quando um indivíduo manifesta sentimentos auto-reveladores a outra pessoa e que considera importantes para si, existindo da outra parte, sentimentos de retribuição, compreensão e atenção face a essa informação (Benkovskaia, 2008). O início de uma relação amorosa é caracterizado por um período energético, havendo espaço para conversas, partilha de interesses e namoro, onde ambos os intervenientes desenvolvem o seu self, o cuidado e compreensão pelo outro, bem como um forte contentamento, desejo e atração (Fortunato, 2009).

Numa altura em que a taxa de divórcios se situa entre 49% e 67% na sociedade ocidental, em Portugal, apesar de cada vez menos, as pessoas continuam a casar e recasar, procurando relacionamentos duradouros e satisfatórios, não obstante das adversidades que vão encontrando (Crespo, 2007). Assim, numa conjuntura de relações em mudança, o casamento continua a ser, nos dias de hoje, um dos maiores e mais

importantes objectivos de vida (Torppa, 2009), sendo considerado um dos domínios da vida significativos que prediz a satisfação geral e a regulação das emoções dos indivíduos, tornando-se crucial, a partir do final da adolescência, o compromisso de experienciar essa situação (Demirtas & Tezer, 2012). Porém, apesar dos desafios do nosso quotidiano, os casais continuam a procurar relacionamentos estáveis e satisfeitos (Gomes, 2011).

Com o evoluir dos anos e com as diferenças sociais, o casamento não foi tendo sempre os mesmos contornos, não se definiu sempre pelas mesmas orientações e não apresentou sempre os mesmos significados (Fonseca, 2011). Numa sociedade em constante progresso, a perceção do casamento tem vindo a modificar-se (Gomes, 2011), sendo este fundamentado em todas as culturas existentes (Brown, 1991; cit in Shackelford & Buss, 2000).

Antigamente, o casamento era considerado como um contracto que excluía o prazer e a felicidade conjugal, sendo a completude e o ideal de casamento uma temática que está em voga desde o século XX (Nascimento et al., 2011). Nos dias de hoje, consideram-no como uma instituição fundamental na sociedade (Stutzer & Frey, 2005) sendo, desde sempre, uma das conceções socioculturais com maior impacto na vivência humana (Rosa, 2009). Trata-se, efetivamente, de uma realidade de um sem número de expectativas, dirigidas para cada um enquanto parceiro e para o casamento enquanto instituição, para ambas as famílias de origem e na imagem ou conceito que cada um tem de um parceiro ideal (Juvva & Bhatti, 2006).

Apesar das adversidades e das exigências da sociedade actual, o casamento na contemporaneidade é percecionado como uma relação com bastante significado, envolvendo um acrescido grau de intimidade e de investimento afetivo e emocional (Féres-Carneiro, 2001), definido como a união entre duas pessoas, na qual existem fatores económicos, comportamentais, afetivos e sexuais em comum (Livingier & Huston, 1990; cit in Menezes, 2008).

A união conjugal é definida como uma relação que envolve duas pessoas, as quais procuram manter o equilíbrio entre a proximidade e a distância, o desejo de pertencer ao outro e a autonomia (Whitaker, 1989; Relvas & Alarcão 2002; cit in Silva, 2008).

A conjugalidade é a relação mais íntima que o Ser Humano consegue criar (Benkovskaia, 2008), encarado como um conceito complexo e multidimensional (Santos, 2010). Oleiro (2011) defende como relação amorosa as “interações diádicas e

voluntárias, reconhecidas por ambos os parceiros e pontuadas por expressões de afecto e antecipação ou atual comportamento sexual” (p.7).

O casamento pode ser definido como uma parceria entre duas pessoas a nível sexual, económico e emocional, socialmente e legalmente aprovado (Gomes, 2011). Também o consideram como um fenómeno social que tem como finalidade desenvolver a personalidade, as habilidades e capacidades dos membros da relação (Khazaei, Rostami & Zaryabi, 2011).

O casamento é, cada vez mais, encarado como um organismo onde ambos os protagonistas experimentam a realização emocional e atendem às necessidades um do outro (Wilcox & Nock, 2007). Paralelamente a isso, é considerado uma das mais significativas formas de apoio social, existindo vários estudos populacionais que defendem que maioria dos indivíduos adultos se casará em algum momento da sua vida (Bjorkesten & Stewart, 1984; cit in Jerskey et al., 2010).

De acordo com Norgren e colaboradores (2004) o casamento requer trabalho em equipa, não se baseando apenas numa questão de escolha certa. Na perspetiva de Pacheco (2008) o casamento, e as vivências que este proporciona, têm funções protetoras para o casal, uma vez que aumenta a autoestima e a auto-confiança, combatendo o *stress* e reforçando a resiliência.

O sentimento de amor preenche um conjunto de características psicológicas, como reconhecermo-nos através do outro, auto-revelação e descoberta, auto-realização da identidade de ambos os sexos, bem como partilha da alegria de viver em conjunto (Benkovskaia, 2008). Parece também existir uma variedade de aspetos a ter em atenção, tais como expectativas, crenças, perceções e processos afetivos, como amor, compromisso e intimidade (Santos, 2010).

Um casamento satisfatório decorre, muito, das expectativas que o casal manifesta em relação ao casamento, paralelamente ao que vivenciam no mesmo (Norgren et al., 2004). Popovic (2005) refere que uma relação onde o casal se sente satisfeito acarreta, para estes, aspetos essenciais para a sua saúde, adaptação e felicidade.

## *1.2 Epidemiologia*

O casamento é um acontecimento cada vez mais raro, dado o aumento significativo de divórcios, a preferência por viver junto sem formalidade e o acréscimo da monoparentalidade (Ribeiro, 2002; cit in Silva, 2008), verificando-se que, desde 1975, o número de casamentos em Portugal tem vindo a diminuir (Rosa, 2002).

Porém, apesar de não serem muito recentes em Portugal, as uniões de facto têm vindo a crescer significativamente nos últimos anos, numa proporção de 2% em 1991, para 13% em 2011 (Amaro, 2004; INE, 2011), sendo vista como uma alternativa estável ao casamento entre as gerações mais jovens (Leite, 2003). O número de pessoas que casam tradicionalmente tem diminuído ao longo das últimas décadas, atingindo, nos dias de hoje, os mínimos históricos de matrimónio, devido, por exemplo, à melhoria de oportunidades de trabalho para as mulheres (Stevenson & Wolfers, 2007; cit in Charles & Luoh, 2010). De acordo com Brown (2004) o aumento da coabitação por união de facto alterou os padrões de formação familiares, levando a um atraso no casamento, tal como um aumento significativo das pessoas solteiras.

Segundo Fortunato (2009) os casamentos são, hoje em dia, menos frequentes e menos estáveis em casais que apresentam baixos rendimentos.

As Estatísticas Demográficas do Eurostat (2000) evidenciam a redução do número de casamentos e uma expansão do número de divórcios. Em 2001, segundo os censos, existiam em Portugal, cerca de 1.9% de divorciados, 0.7% de separados e 6.9% de uniões de facto (Amaro, 2004). Nesses mesmos censos de 2001, verificou-se existir em Portugal 18.3% de divórcios ocorridos nos primeiros quatro anos de casamento e 26.5 % sucedidos depois de vinte anos de casamento, o que em muito se deve, segundo Amaro (2004) ao aumento da esperança média de vida, à gradual autonomia das mulheres e à própria satisfação com a relação conjugal, particularmente no âmbito da intimidade e da relação sexual. Na atualidade, 47% da população residente é casada (INE, 2011).

Estudos realizados por Leite (2003) indicaram existir na região norte de Portugal cerca de 74% de casamentos católicos, 77.5% e 56.9% de casamentos civis nas regiões autónomas dos Açores e da Madeira, respetivamente, e 57.1% no Algarve. Relativamente às uniões de facto, os censos realizados em 2011 constatarem existir 20% de indivíduos nesta forma de conjugalidade no centro e sul e apenas 9% no norte do país (INE, 2011).

Em 2009, os censos realizados nos Estados Unidos da América, evidenciaram que o primeiro casamento ocorre, depois dos 25 anos, apresentando os homens uma idade média de casamento aos 28 anos e as mulheres aos 25 anos (Glenn, Uecker, Love, 2010). Em Portugal, e de acordo com o Instituto Nacional de Estatísticas (INE, 2011), a idade média de contrair matrimónio difere quanto aos sexos, sendo a mulher aos 32 anos e o homem aos 34 anos. Os mesmos censos (INE, 2011) referem existir um maior número de homens casados comparativamente às mulheres, numa proporção de 49% e 45%, respectivamente.

Para Charles e Luoh (2010) a maioria dos casamentos ocorre entre indivíduos da mesma raça, aproximadamente com a mesma faixa etária e com localização próxima.

A diminuição dos casamentos pela igreja católica, deve-se muito às mudanças progressivas nas mentalidades da própria sociedade, como o aumento da idade no momento do casamento, a presença de filhos cada vez mais tardia, diferentes formas de encarar a sexualidade, uma maior liberdade individual, bem como a alteração do estatuto das mulheres (Relvas & Alarcão, 2002; cit in Gomes, 2011). A não concretização destes fatores, tem levado a um crescente número de divórcios (Féres-Carneiro, 2001).

Todavia, consta-se que cerca de 90% da população mundial se vai casar, pelo menos uma vez durante a sua vida (Epstein & Guttman, 1984; cit in Shackelford & Buss, 2000).

### *1.3 Homens e mulheres face ao casamento: Posição de cada um na relação*

O conceito de casamento e de amor poderá não apresentar o mesmo significado para os homens e para as mulheres (Duarte, 2005).

De acordo com Oleiro (2011) as diferenças que existem entre homens e mulheres são predispostas antes do seu nascimento, uma vez que a genética reflecte-se a nível anatómico, fisiológico e psicológico, sendo o género influenciado pelos estereótipos construídos pela sociedade e que, deste modo, se repercute nos papéis sociais. Na mesma perspetiva, também para Marcão (2008) as desigualdades de sexo relativamente ao casamento, devem-se aos estereótipos e às diferenças de socialização de ambos os sexos. O género afeta, segundo Brown (2004), a experiência do casamento e a perceção que o casal tem sobre a qualidade do mesmo.

Em 1987, Argyle (1987; cit in Easterlin, 2002) referia existir poucas diferenças entre sexos relativamente à satisfação com a vida no seu todo. Os homens e as mulheres manifestam experiências diferentes durante o casamento, nomeadamente na intimidade emocional e sexual, na comunicação e na gestão dos conflitos (Brown, 2004), estando orientados para viver as relações de formas diferentes (Marcão, 2008). Deste modo, as diferenças entre géneros devem ser analisadas com precaução, dada a variedade de fatores que podem explicar esses resultados (Gaia, 2002).

Acredita-se, de facto, que as alterações que ocorreram no papel da mulher e da sua emancipação a nível profissional levaram a uma redefinição do significado de casamento (Juvva & Bhatti, 2006). Todavia, têm-se verificado uma maior aproximação do papel de ambos os sexos na sociedade atual, confirmando-se, cada vez mais, a troca de papéis no que concerne às tarefas do dia a dia, como trabalho, tarefas domésticas ou educação dos filhos (Marcão, 2008).

Com a entrada das mulheres no mundo de trabalho, existiu uma rutura dos papéis tradicionais que existiam, deixando estas de se dedicarem apenas à maternidade e às responsabilidades domésticas e familiares (Fonseca, 2011), passando a valorizar-se o ideal romântico do amor, negando quaisquer proveitos económicos que pesavam na constituição das uniões (Leite, 2003).

Estudos evidenciam que, comparando ambos os protagonistas da relação, os homens avaliam a relação conjugal pelas experiências pessoais e relacionais que viveram e pelo controlo que têm das esposas, enquanto para as mulheres são importantes as experiências da relação e as contribuições que os seus parceiros trazem para a mesma (Pacheco, 2008).

Vários estudos defendem que as mulheres vêm no casamento uma forma de valorização pessoal e de melhor autoestima (Mookherjee, 1997; cit in Fortunato, 2009).

Pacheco (2008) refere que os homens encaram a relação de forma mais positiva e sentem uma maior felicidade conjugal, enquanto as mulheres sentem, mais vezes, sentimentos de remorso, de grande impaciência e rutura com o seu parceiro e com o casamento em si. Easterlin (2002) menciona que as diferenças de felicidade que existem entre homens e mulheres devem-se, fundamentalmente, às diferenças a nível de trabalho e das circunstâncias conjugais.

As diferenças de género quanto à intimidade são estudadas em várias pesquisas (Santos, 2010). A intimidade no casal assume diferentes significados, uma vez que para os homens a intimidade refere-se à proximidade, partilha de atividades e sexualidade,

enquanto para as mulheres, a intimidade significa diálogo, demonstração de sentimentos, afecto e compreensão (Duarte, 2005).

As mulheres tendem a demonstrar mais sentimentos de intimidade no casamento, em comparação com os seus maridos (Heller & Wood, 1998; cit in Gomes, 2011), de uma forma bastante significativa (Boden, Fischer & Niehuis, 2009).

Para as mulheres, a intimidade está associada ao amor, ao afeto e a toda a expressão afetiva (Ridley, 1993; cit in Santos, 2010), enquanto para os homens esta é entendida como comportamento sexual e físico (Ridley, 1993; Hook, Gerstein, Detterich & Gridley, 2003; cit in Santos, 2010). Assim, Marchand (2004) sugere existir uma maior tendência das mulheres para o casamento, devido a uma maior sensibilidade por parte destas.

Sendo mais sensíveis que os homens, as mulheres são tipicamente as maiores responsáveis pela gestão do casamento, da sua dinâmica e das suas questões, mantendo a sua saúde emocional (Brown, 2004). Vários estudos têm vindo a comprovar que o equilíbrio emocional dos homens tende a melhorar a satisfação marital das suas esposas (Wilcox & Nock, 2006).

Numa relação conjugal, os homens tendem a preservar a sua independência e autonomia, enquanto as mulheres procuram a mutualidade e o fazer as coisas a dois (Hook et al., 2003), obtendo os homens maiores benefícios psico-sociais (Faulkner et al., 2005). Segundo as atitudes tradicionais, os homens são reconhecidos como sendo os chefes de família e as mulheres como donas de casa, verificando-se diferenças a nível de poder (Kaufman & Taniguchi, 2006).

Alguns autores referem que os homens são mais instrumentais que as mulheres e que apreciam mais o “fazer” do que o “ser” (Santos, 2010), envolvendo-se, frequentemente, em comportamentos de risco relativamente às mulheres (Kraus et al., 2008). Em comparação com as mulheres, os comportamentos dos homens casados são menos propensos a ser influenciados por fatores conjugais (Claxton, O’Rourke, Smith & DeLongis, 2013).

As mulheres, por sua vez, beneficiam de maior saúde física e mental quando estão felizes no seu casamento, enquanto os homens manifestam benefícios independentemente da qualidade do mesmo (Faulkner et al., 2005; Fortunato, 2009), experimentando os benefícios do casamento em maior medida (Waite & Gallagher, 2000; cit in Johnson et al., 2004). Estas apresentam preferências pela partilha verbal e

auto-revelação, desprezando as atividades mais instrumentais e mais masculinas (Heller & Wood, 1993; cit in Santos, 2010).

Minnotte e colaboradores (2010) referem que os maridos são os principais responsáveis por promover a diversão e a independência dos filhos. Porém, apesar da mudança de papéis sociais quanto ao gênero, as mulheres continuam a ser as principais responsáveis pela educação dos filhos e pela manutenção das tarefas domésticas (Perlin & Diniz, 2005).

Desta forma, autores defendem que as pessoas têm disposições próprias e duradouras que influenciam a vida de casado e o seu casamento (Terman et al., 2003; cit in Claxton et al., 2013).

### **Conclusão de capítulo**

O casamento surge como função de certificar a continuidade da espécie humana, apesar de, na atualidade, ocupar outras posições e significados no ciclo de vida de um indivíduo. Vários estudos têm defendido existir uma redução do número de casamentos em Portugal e um aumento das taxas de divórcios, tratando-se de um acontecimento cada vez mais raro e que ocorre numa etapa mais tardia da vida de cada um.

Numa relação conjugal, os homens e as mulheres ocupam posições distintas. Antigamente, os homens eram reconhecidos pela sociedade como chefes de família, enquanto as mulheres se responsabilizavam pelas tarefas de casa e pela educação dos filhos. Porém, as alterações que ocorreram no papel da mulher perante a sociedade redefiniram esta visão, assemelhando os papéis que ambos ocupam.

## **Capítulo II: Determinantes da Qualidade Marital**

---

O interesse na dinâmica das relações conjugais, particularmente no casamento, tem suscitado bastante interesse nos investigadores, uma vez que possui um papel fundamental na consolidação da identidade do indivíduo (Nascimento et al., 2011). Deste modo, várias investigações têm procurado saber quais os fatores que estão presentes nos casamentos felizes e bem-sucedidos (Lee & Ono, 2008; Asoodeh, Khalili, Daneshpour, & Lavasani, 2010), com o intuito de descobrir os determinantes da felicidade e da estabilidade no casamento (Hall, 2006).

A maioria dos estudos realizados revelam maior importância em medir a satisfação conjugal, em vez de compreender a sua natureza e os fatores que para ela contribuem (Kazac, 1988; cit in Narciso & Costa, 1996). De acordo com Narciso e Costa (1996) a satisfação conjugal e as suas peculiaridades têm sido uma área difícil de estudar dado o seu carácter subjetivo e pessoal.

Farah e Shahram (2011) defendem a satisfação conjugal como “um conceito multidimensional, que inclui diversos fatores, como características de personalidade, questões financeiras, estilos de educação infantil e as relações sexuais” (p.2581), Por sua vez, Thompon (1988; cit in Narciso & Costa, 1996) defende a satisfação conjugal como a avaliação pessoal e subjetiva da conjugalidade, no que concerne ao amor e ao funcionamento da sua relação. Por sua vez, Norgren e outros colaboradores (2004) definem satisfação conjugal como um “conceito subjetivo, implicando ter as próprias necessidades e desejos satisfeitos, assim como corresponder, em maior ou menor escala, ao que o outro espera, definindo um dar e um receber recíproco e espontâneo” (p. 576).

O casamento e os fatores que a ele estão associados, têm sido um tema bastante estudado na atualidade, dada a curiosidade e os questionamentos que se têm levantado relativamente à vida a dois (Nascimento et al., 2011). Na perspectiva de Narciso e Costa (1996) a satisfação tem sido um constructo alvo de vários estudos, tal como a relação deste com outros fatores, nomeadamente a funcionalidade, a intimidade ou o amor, procurando saber de que forma esses fatores contribuem para um casamento satisfatório (Marcão, 2008). De acordo com Narciso (2001) a satisfação conjugal é influenciada por fatores que são originados diretamente pelos membros da relação, por fatores contextuais e pessoais, que embora sejam mais periféricos ao casal também o afetam. Os fatores que determinam a qualidade relacional do casamento podem variar de acordo

com a sociedade, e por conseguinte, do conjunto de normas da mesma (Lee & Ono, 2008).

Na perspectiva de alguns autores, existem alguns indicadores de risco que podem influenciar a satisfação e o sucesso do casamento, tais como idade do sujeito, o número de casamentos anteriores, a coabitação prévia ao casamento, a experiência de divórcio e de violência na família de origem, a baixa religiosidade e o historial de doença psiquiátrica (Gomes, 2011). Porém, as pessoas casadas apresentam melhores resultados em muitas variáveis da vida, em comparação com os solteiros (Waite & Gallagher, 2000; cit in Johnson et al., 2004). Atualmente, as expectativas face ao casamento tendem a aumentar, causando intensa idealização e exigência do outro e, por conseguinte, maiores níveis de tensão e conflitos na relação (Gomes, 2011).

Não parece ser, portanto, a instituição casamento em si a responsável pela morte do amor e da intimidade nos casais, mas sim o significado atribuído às experiências do dia a dia que faz gerar nos protagonistas da relação desapontamentos (Juvva & Bhatti, 2006) não existindo uma fórmula mágica para uma relação conjugal duradoura, apesar de existirem fatores e atitudes que ajudam a manter o relacionamento ao longo do tempo, devendo esta ser constantemente nutrida e encorajada a crescer (Nascimento et al., 2011).

Neste capítulo são apresentados e definidos alguns elementos que contribuem para um casamento satisfatório. Deste modo, serão associados à satisfação conjugal, o grau de felicidade do indivíduo, o seu bem-estar subjetivo, a personalidade e a satisfação sexual.

## *2.1 Satisfação Conjugal*

As relações conjugais são retratadas na televisão, nos filmes e nas revistas como um meio eficaz de garantir e assegurar companhia, romance, suporte, satisfação sexual e bem-estar ao longo da vida, o que em muito justifica que o casamento e as relações de intimidade continuem a ser expectadas, pela maioria, como o espaço que melhor responde e satisfaz as necessidades de afeto, companhia, lealdade e intimidade emocional e sexual (Halford, Kelly & Markman, 1997; cit in Fonseca, 2011). Narciso e Costa (1996) referem que a satisfação conjugal tem merecido importante destaque por diversos investigadores, procurando apurar a relação desta com outros construtos da conjugalidade.

Segundo Duarte (2005) quando duas pessoas se conhecem e se apaixonam, independentemente do conceito que têm de amor, formam um “nós”, ou uma identidade em comum, não deixando de se acarretar, para cada um de forma individual e para o casal, uma série de conflituosidades internas e/ou externas.

A satisfação com o relacionamento, em geral, refere-se a sentimentos, pensamentos ou comportamentos, dentro de uma relação, associados a atitudes sexuais, sentimentos relacionados ao amor, comprometimento, auto-revelação e investimento no próprio relacionamento (Hendrick, 1988; cit in Demirtas & Tezer, 2012). A relação conjugal, e por conseguinte a satisfação com a mesma, é um fenómeno complexo, no qual intervêm diversas variáveis, como valores, interesses, necessidades, nível socioeconómico, características de personalidade, cultura onde se está inserido, experiência sexual, confiança, respeito mútuo, comunicação honesta, sensibilidade aos sentimentos do outro e boa resolução de conflitos (Spanier & Lewis, 1980; cit in Norgren et al., 2004).

A qualidade e a satisfação conjugal são dois termos associados a esta temática, apesar de serem distintos (Silva, 2008), mas muitas vezes utilizadas como sinónimos (Gomes, 2011). Khazaei e colaboradores (2011) referem que a satisfação conjugal está diretamente relacionada com a qualidade da saúde geral do casal, a satisfação global com a vida e a ausência de solidão.

Para Narciso (2001) o conceito de qualidade diz respeito ao desempenho do indivíduo e do casal na relação, enquanto a satisfação conjugal decorrer sobretudo da avaliação pessoal e subjetiva de cada parceiro relativamente à relação.

Considerando as diversas definições sugeridas para o conceito de satisfação conjugal, esta vivência é resultado de uma vasta variedade de fatores que, na perspetiva de Duarte (2005), contribuem para a sua emergência.

Alguns autores defendem que para um casamento de sucesso é fundamental os intervenientes respeitarem os seus próprios valores e princípios, terem interesses mútuos, sentirem compromisso com o outro, tomarem decisões, estarem juntos em qualquer circunstância e cooperarem mutuamente (Asoodeh et al., 2010). Outros investigadores (Gottman, Gottman & DeClair, 2006) defendem que a satisfação da relação conjugal depende da capacidade que o casal apresenta em gerar comunicação positiva entre ambos, sobretudo em situações de conflito ou de crise conjugal, sendo esta primordial para a qualidade e para a satisfação conjugal no momento e no futuro. Litzinger e Gordon (2007) mencionam que apesar da comunicação não ser o

determinante essencial e único da felicidade conjugal, pesquisadores têm defendido que os casais infelizes apresentam déficit na capacidade de comunicar e que este, por sua vez, contribui significativamente para a insatisfação conjugal. Para Benkovskaia (2008) os casais mais satisfeitos conseguem comunicar com mais clareza entre si e são mais astutos na percepção das necessidades e dos sentimentos do seu cônjuge.

Num estudo realizado por Nascimento e outros investigadores (2011) os autores concluíram que para o relacionamento ser duradouro é necessária a manutenção de certos aspetos, como ter a capacidade de fazer cedências entre o casal, aptidão para lidar com as diferenças e as individualidades, bem como existir respeito e amor mútuos. Outras pesquisas acreditam numa série de fatores importantes que interferem na qualidade conjugal, particularmente a comunicação, a flexibilidade, os problemas de personalidade, o modo de resolução de conflitos, o relacionamento ou funcionamento sexual, as atividades de lazer realizadas, a relação com a família e os amigos, a situação financeira em que se encontram e as crenças espirituais que possuem (Bereczkei & Csanaky, 1996; cit in Asoodeh et al., 2010).

Uma relação marital de qualidade implica uma variedade de fatores, como sensações e sentimentos de bem-estar, companheirismo e afeição, contentamento, segurança na relação, bem como componentes que favoreçam a intimidade no casamento (Farias, 1994; cit in Norgren et al., 2004). Segundo Menezes (2008) o apoio emocional, como sentir-se compreendido, valorizado, amado e respeitado na relação é considerado outro fator que contribui para a satisfação conjugal.

Dehle e Weiss (1998; cit in Jerskey et al., 2010) mencionam que a qualidade conjugal baixa está diretamente associada a um aumento do humor deprimido e, conseqüentemente, níveis mais elevados de depressão. Glenn e os restantes colegas de equipa (2010) defendem que muitos casamentos insatisfatórios perduram por diversos motivos, nomeadamente a falta de alternativas para o casamento, por crenças morais e religiosas que vão contra o fim do casamento, efeitos que a rutura pode ter sobre os filhos, dependências económicas e/ou custos acrescidos e judiciais que o divórcio acarreta. Estudos realizados sugerem existir um decréscimo da satisfação conjugal depois dos primeiros anos de casamento aquando do nascimento e crescimento dos filhos devido à sobrecarga de tarefas e à escassez de tempos livres, voltando a aumentar anos mais tarde quando os filhos reconstroem as suas vidas (Narciso, 2001).

Algumas pesquisas realizadas evidenciam que os conflitos conjugais são fatores importantes e que contribuem para diversos tipos de disfunção e psicopatologia (Coie et

al., 1993; cit in Litzinger & Gordon, 2007), ao passo que fatores de sucesso conjugal parecem estar associados a uma maior longevidade e saúde (Lillard & Panis, 1996; cit in Litzinger & Gordon, 2007).

Diferentes objetivos dos parceiros, necessidades divergentes e hábitos pouco saudáveis tornam-se, para diversos autores, prejudiciais para a relação (Neff & Karney, 2004). Deste modo, as pessoas solteiras apresentam pior qualidade no relacionamento quando comparadas com pessoas casadas (Brown, 2004).

Estudos sugerem que a relação conjugal e a sua qualidade podem ter diversos efeitos, de acordo com a individualidade de cada casal (Caughlin, Huston & Houts, 2000; cit in Johnson et al., 2004), existindo vários autores que mencionam que para a felicidade conjugal é essencial “o humor, o afeto, o brincar, o dizer tolices, a exploração, a aventura, a luxúria, o toque” (Pacheco, 2008, p. 10). A literatura tem sugerido que o amor e os relacionamentos amorosos permitem unir as pessoas, sendo, igualmente, a sua ausência que dissolve várias relações (Duarte, 2005).

## *2.2 Relação amorosa e felicidade*

Há milhares de anos que se estuda o conceito e a importância da felicidade na vida do Ser Humano (França, 2011).

A investigação sobre a felicidade tem aumentado consideravelmente nos últimos 40 anos, procurando-se identificar as causas e os processos psicológicos que a produzem (Kashdan, 2004). A felicidade tem um impacto revelador na sobrevivência do indivíduo (Kageyama, 2012), e o alcance da mesma é um dos pressupostos principais da compreensão do Ser Humano e do seu comportamento (Lee & Ono, 2008).

Desde a antiguidade até a atualidade, os filósofos acreditam que a procura da felicidade é o objetivo final da existência humana (Bauer, 1996; cit in Pishva, Ghalehban, Moradi & Hoseini, 2011). Na visão filosófica de Aristóteles, a felicidade depende das necessidades das pessoas, que devem viver de acordo com o seu verdadeiro *self* e segundo as suas capacidades, com o intuito de alcançarem a realização pessoal (Novo, 2003).

A felicidade é uma construção multidimensional (Watson, Clark & Tellegen, 1988; cit in Stewart et al., 2010), e geralmente considerada como composta por três principais componentes, nomeadamente a frequência e o grau de afeto positivo ou de alegria, ausência de sentimentos negativos como depressão ou ansiedade e o nível

médio da satisfação durante um período de tempo (Diener, 1984; cit in Stewart, et al., 2010).

Pacheco (2008) refere nos seus trabalhos que o amor e a conjugalidade aparecem em vários estudos como sendo, de facto, a fonte de felicidade suprema. Diversas pesquisas têm demonstrado que a qualidade e a satisfação com os relacionamentos amorosos é uma essencial fonte de felicidade (Khaleque & Rohner, 2004; cit in Dermitas & Tezer, 2012), confirmando-se que o casamento está diretamente associado a maiores níveis de felicidade em diferentes países e períodos de tempo (Diener et al., 2000; cit in Stutzer & Frey, 2005). É provável que a estabilidade conjugal e a felicidade estejam relacionadas, visto que os determinantes que influenciam uma, podem influenciar a outra, de forma idêntica (Kaufman & Taniguchi, 2006).

De acordo com Myers (1999; cit in Stutzer & Frey, 2005) as pessoas casadas são mais felizes do que as pessoas solteiras ou aquelas que vivem em coabitação. Por sua vez, Hall (2006) argumenta que os casais de hoje em dia estão menos satisfeitos nos seus casamentos. Alguns autores (Gottman & Silver, 2001) afirmam que os casais que mantêm um relacionamento feliz são aqueles que são emocionalmente inteligentes e que vivem o seu quotidiano evitando pensamentos e sentimentos de carácter negativo.

Nas últimas décadas, Goleman (2010) tem realizado diversos estudos, acompanhando centenas de casais, prevendo numa das suas obras que cerca de 94% dos pares acabam por se separar nos primeiros anos de casamento.

Assim, parece existir uma infinidade de fatores associados à insatisfação conjugal, incluindo sintomas depressivos, problemas de saúde ou agressividade entre o casal (Acevedo, Aron, Fisher & Brown, 2012).

Segundo Kageyama (2012) a felicidade e a saúde estão diretamente relacionadas. Kaufman e Taniguchi (2006) referem que as características familiares e a situação de saúde de ambos os membros do casal podem influenciar a felicidade conjugal. Vários estudos referem que as pessoas mais felizes são as pessoas mais saudáveis (Veenhoven, 2008), não parecendo existir diferenças significativas entre casais rurais e casais da cidade em níveis de felicidade marital (Duarte, 2005). França (2011) refere que níveis elevados de felicidade podem estar associados a um aumento de diversas capacidades, como a concentração, a criatividade e a resiliência, ao mesmo tempo que reduz possíveis depressões, ansiedade e outras perturbações.

Deste modo e dada a mudança da ideologia de género que decorreu nas últimas décadas, torna-se fundamental verificar a relação existente entre o género e a felicidade conjugal (Kaufman & Taniguchi, 2006).

### *2.3 Conjugalidade e bem-estar subjetivo: Satisfação com a vida*

Durante as últimas décadas, o conceito de Bem-estar subjetivo tem vindo a conquistar bastante atenção na área da investigação científica, apesar da disparidade de definições que têm surgido sobre este conceito (França, 2011).

O casamento é uma das instituições mais importantes e que, deste modo, afeta a vida das pessoas e o seu bem-estar (Stutzer & Frey, 2005). Nas últimas décadas, a conceção de bem-estar tem vindo a ganhar prioridade na área da investigação científica (França, 2011). O bem-estar subjetivo é um constructo de pesquisa em geral, e não uma área de construção (Diener, Suh, Lucas & Smith, 1999; cit in Quevedo & Abella, 2010), que engloba uma componente cognitiva relacionada com a satisfação com a vida, ou a avaliação cognitiva da vida como um todo, e uma componente afetiva incluindo sentimentos positivos e negativos (Diener, Emmons, Larsen & Griffin, 1985; cit in Quevedo & Abella, 2010). Trata-se do juízo em que as preferências de cada indivíduo são satisfeitas (Angner, 2010).

O bem-estar subjetivo é entendido como “uma categoria de fenómenos muito ampla que inclui as respostas emocionais dos indivíduos, satisfação com domínios de vida, e julgamentos globais de satisfação com a vida (...), sendo a avaliação emocional e cognitiva que as pessoas fazem das suas vidas, e inclui aquilo que as pessoas comuns designam por paz, realização e satisfação com a vida” (Pais-Ribeiro & Cummins, 2008, p.1).

Vários estudos têm procurado descobrir quais os domínios importantes da sua existência que estão associados a um maior bem-estar subjetivo, acreditando que os relacionamentos amorosos e a situação profissional surgem como fundamentais neste domínio (Demirtas & Tezer, 2012). Embora a maioria dos estudos rendam uma grande quantidade de evidências sobre os correlatos de bem-estar subjetivo, acredita-se que este depende dos efeitos relativos de dois domínios principais da vida, sendo um deles os relacionamentos românticos (Demirtas & Tezer, 2012).

Um vasto número de autores menciona existir relação significativa entre a satisfação conjugal e o bem-estar físico e psicológico (Kaufman & Taniguchi, 2006).

Apesar das demais pesquisas que relacionam a qualidade marital com o bem-estar individual do casal, pouco se conhece sobre os sistemas neuronais que intervêm nesta associação (Acevedo et al., 2012).

Segundo um estudo realizado por Angner (2010), vários filósofos têm verificado existir um conjunto de estados mentais como componentes do bem-estar subjetivo. Acredita-se que um alto nível de afeto positivo, ausência de afeto negativo e um elevado grau de satisfação com a vida, contribuem para um nível de bem-estar subjetivo mais elevado (Myers & Diener, 1995; cit in Demirtas & Tezer, 2012). Deste modo, o casamento contribui para o bem-estar, verificando-se níveis de felicidade mais elevados, indicando maior satisfação com a vida e maior bem-estar físico e psicológico, manifesto num menor número de depressões, doenças e, até mesmo, mortes (Kiecolt-Glaser & Newton, 2001). Outros autores (Argyle, 1999; cit in Stutzer & Frey, 2005), mencionam que o casamento fornece fontes adicionais de autoestima e que as pessoas casadas têm melhor oportunidade de beneficiarem de uma relação duradoura e de apoio íntimo.

As pessoas casadas manifestam maior bem-estar subjetivo do que aquelas que nunca foram casadas, ou que sejam divorciadas ou viúvas (Stutzer & Frey, 2005). Segundo Wilcox e Nock (2006) as pessoas que se encontram em situação matrimonial apresentam maiores índices de bem-estar físico e psicológico, quando comparados com os solteiros, separados ou divorciados. Todavia, apesar dos indivíduos casados apresentarem níveis de saúde mais satisfatórios do que os solteiros, a presença de conflitos na relação está relacionado com um nível de saúde menos saudável (Burman & Margolin, 1992; cit in Gomes, 2011).

Gottman e Silver (2001) constataram que as pessoas casadas vivem, aproximadamente, mais quatro anos do que as pessoas que se encontram em outro estado civil. Deste modo, a população casada parece apresentar menor nível de mortalidade e acentuado bem-estar, limitados ou escassos níveis de problemas de saúde mental, indicadores positivos de bem-estar psicológico e ausência de depressão ou ansiedade (Silva, 2008). Outros estudos realizados nesta área sugerem, de igual modo, que os indivíduos casados apresentam níveis de mortalidade mais reduzidos e saúde física e mental mais elevada, comparados aos solteiros (Gottman & Silver, 2001; Fortunato, 2009).

Mais especificamente, os estudos propõem que a satisfação com as relações amorosas está associada ao bem-estar subjetivo e que a qualidade de um relacionamento, e satisfação com o mesmo, estão relacionados com a felicidade ao

longo da vida (Dush & Amato, 2005; cit in Demirtas & Tezer, 2012). Duarte (2005) considera que o que é procurado nos relacionamentos românticos é a felicidade conjugal, traduzindo-se no bem-estar para a maioria das pessoas.

#### *2.4 Personalidade e sucesso conjugal*

O conceito de personalidade teve origem na palavra grega *persona*, usada na Antiguidade Clássica para denominar as máscaras utilizadas no teatro, para revelar as emoções sentidas pelos artistas (Elias, 2010).

A personalidade é, para Guedes (2012) um constructo alvo de diversas conceptualizações sendo difícil de definir, muitas vezes encarada como tendências de conduta que dão consciência aos indivíduos das suas ações, reações e estilos cognitivos. A personalidade é modelada por influências genéticas e ambientais, acreditando-se que, apesar dos fatores biológicos, a cultura exerce um importante papel na formação da personalidade, havendo um número cada vez maior de investigadores que defendem existir semelhanças nos traços de personalidade entre as diferentes culturas (Triandis & Suh, 2002).

Num estudo realizado por Allport em 1937 (Allport, 1937; cit in Guedes, 2012), o autor descrevia a personalidade com uma organização ativa e composta por sistemas psicofísicos, que permitem delimitar o comportamento e o pensamento do indivíduo. Trata-se de um conjunto de características estáveis e duradouras que revelam a singularidade de cada pessoa, sendo determinadas por forças e disposições inerentes a cada um (Elias, 2010).

Os dizeres populares sugerem que os opostos se atraem, mas esta não parece ser uma verdade para os casamentos, existindo numerosos estudos que têm provado que as pessoas tendem a escolher parceiros semelhantes (Rammstedt & Schupp, 2008).

Diversas pesquisas realizadas nesta área têm sugerido que as características de personalidade, o sistema de crenças e valores podem influenciar a satisfação conjugal (Menezes, 2008). No seu estudo, Asoodeh e colaboradores (2010) concluíram que casais com semelhanças de personalidade prevêm um bom casamento. Resultados obtidos em outros ramos de pesquisa, no campo dos relacionamentos românticos, sugerem que a congruência entre os cônjuges leva à satisfação do casamento e que esta, por sua vez, prevê uma parceria de longa duração (Russel & Wells, 1991; cit in Rammstedt & Schupp, 2008).

Neste seguimento, as características de personalidade interferem nos resultados dos relacionamentos conjugais, aumentando ou diminuindo a frequência e intensidade das interações entre o casal, existindo características de personalidade que influenciam a forma como os casais interagem entre si (Donnellan, Conger & Bryant, 2004).

De facto, os homens e as mulheres desejam ter no casamento companheiros que sejam semelhantes a si mesmos (Thiessen & Gregg, 1980; cit in Botwin & Shackelford, 1997). Huston e Houts (1998; cit in Donnellan et al., 2004) sugerem que os traços de personalidade contribuem para as relações duradouras e que, deste modo, estes são preditores de sucesso ou insucesso dos relacionamentos. Deste modo, é plausível predizer, que os indivíduos cujos parceiros apresentam ideais diferentes dos seus sejam menos satisfeitos, comparando com indivíduos que estejam casados com pessoas que preenchem os seus desejos (Botwin & Shackelford, 1997).

Estudos sugerem que quanto mais ansiosas forem as mulheres, menor será a satisfação dos seus maridos com o casamento, enquanto para elas, a intimidade e a proximidade dos maridos contribui para um aumento da sua satisfação global (Collins & Read, 1990; cit in Marcão, 2008). Por sua vez, os homens ansiosos apresentam menor paixão e investimento na relação, e as mulheres apresentam mais reduzidos níveis de satisfação e carinho e altos níveis de conflito (Ribeiro, 2002).

Um estudo realizado por Johnson e outros investigadores (2004) com uma amostra de, aproximadamente, sete mil pessoas, sugeriu que as pessoas casadas diferem ligeiramente das solteiras em diversas dimensões de personalidade. Assim, parece existir diferenças entre os sexos na relação da satisfação com a personalidade, ou com outras variáveis (Renshaw et al., 2010).

Estudos evidenciam que à medida que as diferenças individuais aumentam, a satisfação da mulher com o casamento tende a diminuir, evidenciando que estas são mais afetadas pelas diferenças de identidade (Cook & Jones, 2002). Numa investigação realizada por Botwin e Shackelford (1997), os autores constataram que as mulheres apresentam maiores preferências por certas características de personalidade, evidenciando uma maior exigência na escolha do seu parceiro ideal. De modo geral, pesquisas defendem que as mulheres apresentam níveis mais elevados de contentamento com o casamento do que os homens (Davila, Karney, Hall & Bradbury, 2003; cit in Renshaw et al., 2010).

Os homens tendem a ser muito otimistas sobre a situação real do seu casamento, enquanto as mulheres tendem a ser mais sensíveis aos aspetos problemáticos

da própria relação, existindo evidências de que os homens têm dificuldades em identificar os problemas da relação, devido à sua fraca capacidade de decifrar o conteúdo emocional (Goleman, 2010).

A extroversão é uma das características de personalidade mais importantes para uma mulher durante o casamento (Chen, Tanaka, Hiramura, Shikai & Fujihara, 2007), havendo diversos estudos que referem existir uma forte associação entre a extroversão e a satisfação marital (Claxton et al., 2013).

Gottman (1994, 1998; cit in Donnellan et al., 2004) refere nas suas pesquisas que a hostilidade e a pouca sensibilidade contribuem significativamente para a insatisfação conjugal, bem como diferenças individuais, neuroticismo, afetividade negativa e insatisfação conjugal (Renshaw et al., 2010).

Num estudo realizado por Watson e Humrichouse (2006) verificou-se que baixos índices de abertura, afabilidade e consciência entre os cônjuges contribuem para uma diminuição da satisfação conjugal. Por sua vez, outras pesquisas têm demonstrado que a amabilidade pode ser um preditor essencial da personalidade e do funcionamento conjugal, sendo uma influência crucial nas interações interpessoais (Graziano, VanMan, e Tassinary, 2000; cit in Donnellan et al., 2004).

A insatisfação conjugal encontra-se, mediante diferentes autores, associada ao evitamento por parte dos homens e à ansiedade sentida pelas mulheres (Lowyck, Luyten, Demyttenaere & Corveleyn, 2008). Estudos confirmam que os homens com traços de personalidade evitantes manifestam menos contentamento, intimidade e carinho, enquanto as mulheres com esta característica apresentam níveis reduzidos de conflito e ambivalência (Ribeiro, 2002).

O neuroticismo é uma característica de personalidade ligada ao afeto negativo (Ormenl & Wohlfarth, 1991; cit in Claxton et al., 2013), a induções de humor negativas (Gross, Sutton & Ketelaar, 1998; cit in Claxton et al., 2013), bem como preferência a estímulos negativos (Oxidação & Larsen, 1995; cit in Claxton, et al., 2013). As mulheres parecem apresentar traços neuróticos mais significativos quando comparadas com os seus maridos (Costa, Terracciano & McCrae, 2001). Num estudo realizado por Lynn e Martin (1997; cit in Guees, 2012) a 37 países, concluiu-se que as mulheres apresentavam níveis mais significativos de neuroticismo, enquanto os homens manifestavam classificações mais elevadas de psicoticismo e extroversão.

Alguns estudos defendem que o indicador principal da insatisfação marital é a instabilidade ou insegurança emocional de um dos cônjuges (Buss, 1991; Karney &

Bradbury, 1995; cit in Shackelford & Buss, 2000). Grosso modo, o equilíbrio emocional do casal afeta, em geral, a qualidade do relacionamento e a satisfação com o mesmo (Erickson, 1993; cit in Minnotte et al., 2010).

Num relacionamento, um dos cônjuges apresenta uma personalidade mais marcada, onde o outro interpreta tudo de forma negativa, tornando-se os pequenos problemas em grandes batalhas, uma vez que os sentimentos se encontram constantemente em sofrimento (Goleman, 2010). O mesmo autor (Goleman, 2010) refere que, de forma a evitar as “armadilhas” dos diferentes traços de personalidade, ambos os sexos devem ir para além das diferenças de género.

Apesar de se verificar em grandes associações entre os traços de personalidade e o casamento entre adultos jovens, pouco se sabe sobre a forma como esta associação é significativa entre adultos mais velhos e com casamentos mais duradouros, tornando-se uma necessidade de pesquisa significativa na literatura (Claxton et al., 2013). Todavia, McCrae e outros entendidos (1999; cit in Guedes, 2012) verificaram no seu estudo que as mulheres e os homens com idade mais avançada exibiam níveis inferiores de extroversão e abertura, apesar de ser notável uma maior consciência e agradabilidade.

Johnson e colaboradores (2004) relatam que independentemente dos padrões de personalidade, a sociedade incentiva os indivíduos para o casamento, sendo que os casais com traços de personalidade agradáveis encontram-se mais preparados para lidar com os conflitos (Donnellan et al., 2004). Neste sentido, Triandis e Suh (2002) referem a necessidade de outras componentes para melhor compreender a forma como a cultura influencia a personalidade dos indivíduos.

### *2.5 Relação Sexual: Satisfação conjugal e intimidade*

A sexualidade é uma parte integrante na maioria das relações amorosas, numa sociedade que enfatiza o casamento como a principal relação diádica dentro da qual o sexo ocorre (Sprecher, Christopher & Cate, 2006), sendo que, segundo Duarte (2005), evolui e sofre mudanças ao longo do ciclo de vida do indivíduo e do próprio casal.

O sexo, e conseqüentemente a sexualidade, é um fator que muito intervém na satisfação sexual e na estabilidade do casamento (Lindahl et al, 1997; cit in Menezes, 2008). A sexualidade e o amor são, para Narciso e Ribeiro (2009), as componentes românticas das relações íntimas.

A sexualidade é definida pelas atitudes e comportamentos de carga erótica (Santos, 2010) e o sexo é fortemente conhecido como um fator importante na compreensão de diversos aspetos do comportamento humano (Stewart & McDermott, 2003), como um fator importante das relações pessoais, particularmente no casamento (Thompson & Walker, 1989; cit in Brown, 2004).

Entende-se por satisfação sexual o grau de contentamento que o casal apresenta relativamente à sua relação conjugal, sendo um conceito subjetivo e que implica a satisfação das suas necessidades e desejos, bem como a correspondência das expectativas de ambos (Menezes, 2008). Vários autores têm referido nas suas pesquisas que a intimidade é um dos principais constituintes das relações interpessoais, particularmente das relações amorosas (Narciso & Ribeiro, 2009), uma vez ser neste tipo de relações que esta é mais desejada (Oleiro, 2011).

De grosso modo, diversos estudos têm indicado que a satisfação conjugal e a satisfação sexual estão relacionadas, apesar da escassez de pesquisas que procuram averiguar os comportamentos sexuais específicos, as crenças e/ou ideias que suscetivelmente favorecem ou prejudicam o funcionamento e satisfação de ambos os domínios (Trudel, 2013).

A relação sexual satisfatória encontra-se associada à satisfação da qualidade do sexo, à sua frequência, a sentimentos maiores de amor, à felicidade no casamento e a baixos níveis de conflitos conjugais (Hendrick & Hendrick, 2002; cit in Bodenmann et al., 2007). Pesquisas recentes mostram que os níveis mais altos de satisfação sexual estão relacionados com uma maior qualidade de relacionamento e de estabilidade (Sprecher & Cate, 2004) e que a sexualidade é uma componente central do protótipo de qualidade de relacionamento (Hassebrauck & Fehr, 2002).

Também Pacheco (2008), defende existir uma forte associação entre a satisfação sexual e a qualidade conjugal, acreditando que a existência de uma atividade sexual feliz é fundamental para que o amor e a paixão se mantenham. Deste modo, fica clara a relação evidente entre a satisfação sexual e a satisfação conjugal global, sendo a sexualidade uma componente benéfica da relação marital (Litzinger & Gordon, 2007).

Estudos realizados na área têm confirmado que aspetos relacionados com a relação sexual desempenham, de facto, um papel revelador na satisfação global dos casais (Young et al, 1998; cit in Litzinger & Gordon, 2007). De acordo com Menezes (2008) existem diversos fatores que influenciam a satisfação sexual do casal, nomeadamente circunstâncias familiares como presença de filhos, desemprego ou

trabalho em excesso, estados de ansiedade, depressão, diferentes pensamentos e/ou crenças. Halford e Markman (1997; cit in Trudel, 2013) referem que para a maioria dos casais em dificuldades é recomendada a avaliação e tratamento de distúrbios sexuais. Num estudo realizado por Khazaei e outros investigadores (2011), a fim de verificar a relação entre disfunções sexuais e satisfação conjugal, concluiu-se que a satisfação sexual está relacionada com a duração do casamento, sendo que aqueles casados há menos de 15 anos apresentavam uma vida sexual, e conseqüentemente conjugal, mais satisfatória.

Os casais felizes têm mais relações sexuais (Farah & Shahram, 2011). Alguns autores (Laumann, Paik & Rosen, 1999; cit in Rosen & Bachmann, 2008) defendem que a relação entre a satisfação sexual e o bem-estar geral parece ser mais significativo nas mulheres do que nos homens.

Neste seguimento, investigações realizadas por Larson, Hammond e Harper (1998; cit in Gomes, 2011) sugerem que se não existir intimidade no casal, não se consegue criar laços de confiança na relação e, deste modo, o relacionamento não será bem-sucedido.

### **Conclusão de capítulo**

As relações conjugais são retratadas no nosso dia a dia através de diversos meios. A satisfação com o relacionamento é influenciada por uma série de fatores e percebida como a avaliação pessoal e subjetiva que o indivíduo faz relativamente à sua relação. A literatura sugere que um relacionamento satisfatório está diretamente associado a sentimentos de amor, investimento na relação, confiança, respeito mútuo, boa capacidade de comunicar e sensibilidade aos sentimentos do seu parceiro.

É na conjugalidade que o Ser Humano tenta encontrar a sua fonte de felicidade, sendo esta considerada o objetivo final da espécie humana. Estudos sugerem que as pessoas mais felizes apresentam-se mais satisfeitas com o seu casamento, e vice-versa.

O casamento e a satisfação com o mesmo interferem no bem-estar físico e psicológico dos parceiros, sendo que quanto mais satisfeitos estiverem com os vários domínios da vida, mais satisfeitos se encontram com a sua relação conjugal.

Vários dizeres populares defendem que os opostos se atraem. Porém, a literatura defende que os indivíduos procuram para seus companheiros pessoas semelhantes a si mesmas, atendendo a que o conjunto de características pode influenciar a satisfação

conjugal e a duração do próprio casamento. As diferenças de personalidade parecem afetar mais as mulheres do que os homens.

A sexualidade e a intimidade sexual são fundamentais para um relacionamento de qualidade. Os estudos evidenciam que os casais mais satisfeitos mantêm mais relações sexuais e que esta associação afeta mais as mulheres do que os homens.

Tendo em conta os conceitos abordados e a sua relação, torna-se pertinente estudar empiricamente os determinantes psicológicos da satisfação conjugal, nomeadamente a felicidade, o bem-estar subjetivo, a personalidade e a satisfação sexual, assim como a sua relação com o casamento bem-sucedido, como se desenvolve nos próximos capítulos.

**PARTE II**  
***INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA***

## Capítulo III: Metodologia

---

No presente capítulo apresenta-se a parte metodológica da investigação em estudo, iniciando-se pelo enquadramento teórico do estudo, nomeadamente os objetivos, as hipóteses a testar e as variáveis estudadas. Seguidamente, apresenta-se o *design* de investigação, a amostra e os respetivos critérios de selecção e exclusão, os instrumentos de avaliação utilizados, bem como os procedimentos de recolha, análise e tratamento estatístico dos dados recolhidos.

### 3.1 Enquadramento metodológico do estudo

#### 3.1.1 Objetivos

A realização desta dissertação teve como intuito contribuir para a criação e desenvolvimento da ciência na área específica, tendo em consideração os temas da actualidade.

Para melhor entender o funcionamento conjugal e em virtude da relevância desta temática, o *objetivo principal* desta dissertação consiste em verificar a associação existente entre a satisfação conjugal dos casais portugueses, do distrito de Braga, com fatores fundamentais da relação.

Em conformidade com o objetivo geral, a dissertação apresenta o seguinte *objetivo específico*: Avaliar a relação entre as variáveis clínicas, nomeadamente o grau de felicidade, o bem-estar subjetivo, os traços de personalidade e a satisfação do relacionamento sexual e a satisfação dos participantes com a sua relação.

#### 3.1.2 Hipóteses

Reconhecendo-se a importância de diversos fatores na satisfação conjugal e tendo em consideração os objetivos de investigação, este estudo pretende testar as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: Espera-se que os casais mais felizes apresentem maior satisfação conjugal em diversas áreas e, por conseguinte, um casamento de maior sucesso;

Hipótese 2: Espera-se que os casais que se encontram satisfeitos com os diferentes domínios da vida, manifestem maior satisfação no seu relacionamento em várias áreas da vida conjugal;

Hipótese 3: Espera-se que a satisfação com o relacionamento sexual seja manifestada pelos casais com melhor satisfação marital;

Hipótese 4: Espera-se uma diferença significativa entre géneros relativamente à satisfação conjugal, felicidade, bem-estar subjetivo, satisfação sexual e em algumas características de personalidade, como neuroticismo, extroversão, abertura à experiência, amabilidade e conscienciosidade.

### **3.1.3 Variáveis**

As variáveis do presente estudo foram seleccionadas com base na revisão da literatura e nos objectivos de investigação, anteriormente mencionados.

Para este estudo foram seleccionadas variáveis sociodemográficas assumidas como pertinentes para a caracterização da amostra, tais como: Idade, nível de escolaridade, local de residência, educação, situação relacional, posição de empregabilidade, religião, política e presença ou ausência de dor física e/ou psicológica.

De igual modo, para a caracterização da amostra, as variáveis clínicas consideradas foram: satisfação conjugal, felicidade, bem-estar subjetivo, traços de personalidade e satisfação sexual.

### **3.1.4 Procedimentos de recolha de dados**

Para que fosse cumprido o objetivo previsto, iniciou-se o processo de investigação com as diligências necessárias, endereçando o pedido de autorização ao concelho de administração, em Dezembro de 2012. Depois de aprovado o projecto de investigação, entre Março e Maio de 2013 procedeu-se à aplicação dos instrumentos. A amostra recolhida procurou abranger participantes residentes em várias cidades do concelho de Braga. Foram fornecidos os consentimentos informados (cf. anexo 1), dando a conhecer o interesse científico e prático da investigação, pautando-se sempre a

confidencialidade e privacidade das informações respetivas de cada um, sendo-lhes fornecido um envelope para introduzirem os questionários. Seguidamente, foram aplicados os instrumentos selecionados para avaliar as variáveis de estudo. Iniciou-se a recolha de dados através de um questionário sociodemográfico (cf. anexo 2), abrangendo variáveis que poderiam interferir nos resultados finais. Em seguida, procedeu-se à entrega da Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC) (cf. anexo 3), da Escala Sobre a Felicidade (ESAF) (cf. anexo 4), do Índice de Bem-estar Pessoal (IBP) (cf. anexo 5), e do Inventário de Personalidade NEO-FFI (cf. Anexo 6). Esta informação pode ser consultada no Quadro 1.

É de salientar que um grande número de questionários foi entregue aos participantes e recolhidos mais tarde, para que os preenchessem com mais sinceridade e tranquilidade.

**Quadro 1 – Apresentação das variáveis estudadas, questionários utilizados e momentos de avaliação**

<b>Variáveis</b>	<b>Questionários</b>	<b>Momentos de avaliação</b>
Informação demográfica	Questionário Sociodemográfico	Momento 1
Satisfação conjugal	EASAVIC	Momento 1
Felicidade	ESAF	Momento 1
Bem-estar subjetivo	IBP	Momento 1
Personalidade	NEO-FFI	Momento 1
Satisfação sexual	EASAVIC	Momento 1

### **3.2 Método**

#### **3.2.1 Design de investigação**

Tendo em consideração os objetivos delineados para este estudo e dada a neutralidade do investigador, optou-se por uma metodologia do tipo quantitativo e

nomotético, uma vez que é pretendido operacionalizar matematicamente os conceitos e analisar estatisticamente os dados recolhidos (Almeida & Freire, 2007). Será um estudo transversal, visto ser pretendido descrever características relativas a determinadas variáveis, bem como os padrões de distribuição das mesmas. Deste modo, as medições serão realizadas apenas num único momento de avaliação, não existindo seguimento dos participantes durante um período de tempo. Trata-se, de um estudo correlacional preditivo, uma vez que se pretende estudar como se comporta uma variável, conhecendo o comportamento de outra, ou seja, estabelecer uma relação entre o comportamento da variável dependente, em função das variáveis independentes, sem estabelecer significados de causalidade nas relações encontradas. Relativamente ao grupo de participantes, o estudo é intra-sujeitos, existindo apenas um grupo de participantes, no qual a avaliação é a mesma para todos eles.

### **3.2.2 Amostra**

A amostra de estudo foi constituída por 136 sujeitos adultos (N=136) de diferentes faixas etárias, em situação de conjugalidade (casamento ou união de facto), a residir em diversos concelhos do distrito de Braga.

A amostra selecionada foi de conveniência, visto que os participantes foram escolhidos em função de um critério específico, nomeadamente serem casados ou viverem em união de facto e residirem no concelho de Braga. Foram excluídos participantes de outras zonas geográficas do país e com outro estado civil, assim como participantes grávidas, participantes com défice cognitivo ou analfabetos de forma a evitar o enviesamento dos resultados.

O tipo de amostragem selecionado é não probabilístico, ou não aleatório, por amostragem conveniente, de modo a garantir a representatividade da população em contexto semelhante.

### **Caracterização Sócio-demográfica da amostra de estudo**

No quadro 2 apresentamos as características sociodemográficas da amostra (N=136), sendo a mesma constituída por 77 participantes do sexo feminino (56.6%) e 59 do sexo masculino (43.4%), com *idades* compreendidas entre os 23 e os 65 anos (M=43.1; DP= 9.12).

No que concerne à *origem étnica*, os participantes são todos de etnia caucasiana (N=136; 100%) e a residir na zona norte do país, nomeadamente no distrito de Braga (N=136; 100%). Da amostra, 94 participantes residem em meio rural e 42 participantes no meio de habitação urbano, correspondendo a 69.1% e 30.9% respectivamente.

Relativamente ao grau de *escolaridade*, 30 sujeitos (22.1%) têm como escolaridade 0 a 4 anos, 35 (25.7%) estudaram entre 5 a 6 anos de escolaridade, 15 participantes (11%) têm entre 7 e 9 anos de escolaridade, 33 (24.3%) têm ensino secundário, estudando entre 10 a 12 anos e os restantes 23 participantes (16.9%) frequentaram o ensino superior.

Da amostra em estudo, 122 participantes são casados, correspondendo a 89,7% da amostra e 14 participantes encontram-se em união de facto, equivalendo a 10,3%. Quanto à *duração do relacionamento*, situa-se entre os 2 e os 42 anos, tendo uma média de 19,1 e desvio padrão de 10.72.

Quanto ao *número de filhos*, os participantes têm no mínimo 0 filhos e no máximo 6, apresentando uma média de 2.01 filhos e um desvio padrão de 1.32.

Relativamente à composição do *agregado familiar* com quem residem, 3.7% (n=5) reside com filhos e/ou crianças, 28.7% (n=39) reside com o respetivo(a) companheiro(a), 59.6% (n=81) habita com o(a) companheiro(a) e os filhos e 8.1% (n=11) reside com outros familiares.

No que concerne à *situação de empregabilidade*, existe uma predominância de gente empregada, existindo 14 participantes (10.3%) a trabalhar por conta própria, 88 (64.7%) empregados por conta de outrem e 34 participantes (25%) desempregados. Da amostra, 51.5% (n=70) tem um *rendimento mensal* inferior a 560 euros, 31.6% (n=43) tem um rendimento mensal entre os 560 euros e os 800 euros e 16.9% (n=23) recebe mais de 800 euros mensais.

Quanto à *religião*, praticamente a totalidade da amostra considera-se católico. Deste modo, 58.1% (n=79) considera-se católico praticante, 39% (n=53) católico não praticante, 1.5% (n=2) de outra religião e 1.5% (n=2) sem qualquer religião.

Relativamente ao *partido político*, a amostra é constituída por 32 participantes de esquerda (23.5%), 59 da direita (43.4%), 29 participantes de centro esquerda (21.3%) e 16 de centro direita (11.8%).

Quanto à presença de *doença física*, 32 participantes (23.5%) responderam apresentar doença física e os restantes 104 participantes (76.5%) não apresentam qualquer doença física. Relativamente à presença de *doença mental*, a totalidade da amostra mencionou não apresentar qualquer diagnóstico de doença mental (N=136; 100%).

Estes dados podem ser observados no quadro 2.

**Quadro 2 - Caracterização Sócio-demográfica da amostra (N=136)**

<b>Variáveis</b>	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Mín.</b>	<b>Máx.</b>
<b><i>Sexo</i></b>						
Feminino	77	56,6				
Masculino	59	43,4				
<b><i>Idade</i></b>						
	136	100	43,10	9,12	23	65
<b><i>Meio de habitação</i></b>						
Rural	<b>94</b>	<b>69,1</b>				
Urbano	<b>42</b>	<b>30,9</b>				
<b><i>Escolaridade</i></b>						
0 a 4 anos de escolaridade	30	22,1				
5 a 6 anos de escolaridade	35	25,7				
7 a 9 anos de escolaridade	15	11,0				
10 a 12 anos de escolaridade	33	24,3				
Ensino Superior	23	16,9				
<b><i>Situação relacional</i></b>						
Casamento	122	89,7				
União de Facto	14	10,3				
<b><i>Duração da Relação</i></b>						
	136	100	19,1	10,72	2	42
<b><i>Nº de Filhos</i></b>						
	136	100	2,01	1,32	0	6
<b><i>Agregado Familiar</i></b>						
Com filhos e/ou crianças	5	3,7				
Com companheiro(a)	39	28,7				
Com ambos	81	59,6				
Com outros familiares	11	8,1				
<b><i>Situação de Empregabilidade</i></b>						
Empregado por conta própria	14	10,3				
Empregado por conta de outrem	88	64,7				
Desempregado	34	25,0				
<b><i>Rendimento Mensal</i></b>						
Menos de 560 euros	70	51,5				
560 a 800 euros	43	31,6				
Mais de 800 euros	23	16,9				

**Quadro 2 - Caracterização Sócio-demográfica da amostra (N=136) (CONT.)**

Variáveis	N	%	M	DP	Mín.	Máx.
<b>Religião</b>						
Católico Praticante	79	58,1				
Católico não Praticante	53	39,0				
Outra religião	2	1,5				
Sem religião	2	1,5				
<b>Política</b>						
Esquerda	32	23,5				
Direita	59	43,4				
Centro Esquerda	29	21,3				
Centro Direita	16	11,8				
<b>Doença Física</b>						
Sim	32	23,5				
Não	104	76,5				
<b>Doença Mental</b>						
Não	136	100				

### 3.2.3 Instrumentos

No presente estudo, foram utilizados cinco instrumentos que permitiram responder aos objetivos e às hipóteses de investigação, como o Questionário Sociodemográfico, a Escala de Avaliação em Áreas da Vida Conjugal, o Índice de Bem-Estar Pessoal, a Escala Sobre a Felicidade e o Inventário da Personalidade NEO-FFI.

#### 3.2.3.1 Questionário Sociodemográfico (Carvalho & Costa, 2012)

A aplicação de um questionário sociodemográfico tem como intuito classificar a amostra de estudo e recolher informação considerada relevante para a caracterização da amostra. Deste modo, procuramos saber a idade, sexo, nível de escolaridade, zona de residência habitual, situação relacional e número de filhos, profissão e respetivo

rendimento mensal, religiosidade, política e presença ou ausência de doença física e/ou mental.

### **3.2.3.2 EASAVIC – Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (Narciso & Costa, 1996)**

A Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC) foi desenvolvida em 1996 por Isabel Narciso e Maria Emília Costa, partindo do pressuposto que a satisfação conjugal é resultante de uma avaliação subjetiva e pessoal do relacionamento, devendo, então, ser avaliada por fatores próprios do indivíduo (Silva, 2008).

Trata-se de uma escala composta por 44 itens relativos à vida conjugal e organizados em cinco áreas da vida conjugal relativas à dimensão do funcionamento conjugal, sendo “o modo como se organizam e regulam as relações no holon conjugal e/ou familiar e relações extrafamiliares” e cinco áreas relativas à dimensão do amor, definido pelas autores como “sentimentos que cada um nutre pelo outro e/ou pela relação, estando, pois presentes, de um modo mais ou menos explícito, atributos inerentes aos componentes essenciais: paixão, intimidade e investimento/compromisso” (Narciso & Costa, 1996, p. 117). A primeira dimensão inclui áreas como funções familiares, tempos livres, autonomia, relações extrafamiliares, comunicação e conflitos, e na segunda dimensão estão inseridas as áreas de sentimentos, expressão dos sentimentos, sexualidade, intimidade emocional, continuidade e características físicas e psicológicas (Menezes, 2008). Dos 44 itens da escala, 16 focam-se no casal, 14 apresentam como foco o outro e os restantes 14 itens são dirigidos ao próprio indivíduo (Narciso & Costa, 1996).

Trata-se de uma escala de auto-preenchimento do tipo Likert com seis hipóteses de resposta e que permite ao indivíduo avaliar a sua satisfação conjugal entre (1) nada satisfeito, (2) pouco satisfeito, (3) razoavelmente satisfeito, (4) satisfeito, (5) muito satisfeito e (6) completamente satisfeito (Narciso & Costa, 1996).

Na perspetiva de Silva (2008) uma das vantagens da utilização deste instrumento é o facto de permitir discriminar e identificar as áreas de força ou de fragilidade relacional, apesar de não contemplar uma área relativa aos filhos e à influência que estes têm na vida do casal, constituindo, na perspetiva deste autor, uma das limitações da escala.

A EASAVIC tem sido utilizada em diversas investigações, apresentando boas recomendações psicométricas (Dias, 2009). Esta escala, na sua versão original (Narciso & Costa, 1996) foi aplicada a uma amostra de 219 indivíduos casados, revelando fortes índices de consistência e precisão, apresentando *alfas* de *Cronbach* superiores a .90, nomeadamente .97 na dimensão do amor e .90 na dimensão do funcionamento.

### **Características psicométricas da amostra em estudo**

As características psicométricas da escala na amostra em estudo foram igualmente, testadas em termos de consistência interna através do *alfa* de *Cronbach*. Deste modo, a análise permitiu-nos verificar na presente amostra (N=136), um índice de elevada consistência interna (Alfa de Cronbach = .94). O Quadro 3 apresenta os resultados do mesmo teste no presente estudo.

**Quadro 3- Resultados da análise da consistência interna da EASAVIC (N=136)**

<b>Itens</b>	<b>Correlação do item com o total da escala (corrigido)</b>	<b>Alfa se o item for eliminado</b>
O modo como gerimos a nossa situação financeira	.402	.933
A distribuição de tarefas domésticas	.189	.935
O modo como tomámos decisões	.583	.932
A distribuição das responsabilidades	.511	.932
O modo como passamos os tempos livres	.489	.932
A quantidade de tempos livres	.465	.933
O modo como nos relacionamos com os amigos	.399	.933
O modo como nos relacionamos com a família do meu cônjuge	.564	.932
O modo como nos relacionamos com a minha família	.327	.934
A minha privacidade e autonomia	.178	.935
A privacidade e autonomia do meu cônjuge	.440	.933

**Quadro 3- Resultados da análise da consistência interna da EASAVIC (N=136)**

<b>Itens</b>	<b>Correlação do item com o total da escala (corrigido)</b>	<b>Alfa se o item for eliminado</b>
A nossa relação com a minha profissão	.292	.934
A nossa relação com a profissão do meu cônjuge	.355	.933
A frequência com que conversamos	.475	.933
O modo como conversamos	.649	.931
Os assuntos sobre os quais conversamos	.624	.931
A frequência dos conflitos que temos	.367	.933
O modo como resolvemos os conflitos	.492	.932
O que sinto pelo meu cônjuge	.587	.932
O que o meu cônjuge sente por mim	.561	.932
O modo como expressei o que sinto pelo meu cônjuge	.622	.931
O modo como o meu cônjuge expressa o que sente por mim	.528	.932
O desejo sexual que sinto pelo meu cônjuge	.667	.931
O desejo sexual que o meu cônjuge sente por mim	.560	.932
A frequência que temos relações sexuais	.605	.931
O prazer que sinto quando temos relações sexuais	.543	.932
O prazer que o meu cônjuge sente quando temos relações sexuais	.489	.932
A qualidade das nossas relações sexuais	.360	.933
O apoio emocional que dou ao meu cônjuge	.394	.933
O apoio emocional que o meu cônjuge me dá	.598	.931
A confiança que tenho no meu cônjuge	.494	.932
A confiança que o meu cônjuge tem em mim	.530	.932
A admiração que sinto pelo meu cônjuge	.431	.933

**Quadro 3- Resultados da análise da consistência interna da EASAVIC (N=136)**

<b>Itens</b>	<b>Correlação do item com o total da escala (corrigido)</b>	<b>Alfa se o item for eliminado</b>
A admiração que o meu cônjuge sente por mim	.580	.932
A partilha de interesses e actividades	.559	.932
A atenção que dedico aos interesses do meu cônjuge	.497	.932
A atenção que o meu cônjuge dedica aos meus Interesses	.482	.932
Os nossos projectos para o futuro	.565	.932
As minhas expectativas quanto ao futuro da nossa relação	.617	.931
As expectativas do meu cônjuge quanto ao futuro da nossa relação	.555	.932
O aspecto físico do meu cônjuge	.463	.933
A opinião que o meu cônjuge tem sobre o meu aspecto físico	.336	.934
As características e hábitos do meu cônjuge	.323	.934
A opinião que o meu cônjuge tem sobre as minhas características e hábitos	.329	.934
<b>Total da Escala</b>		<b>.94</b>

De igual forma e relativamente às subescalas do instrumento, o Quadro 4 apresenta os resultados da análise da consistência interna.

**Quadro 4- Resultados da análise da consistência interna das subescalas da EASAVIC (N=136)**

<b>Itens</b>	<b>Correlação do item com o total da escala (corrigido)</b>	<b>Alfa se o item for eliminado</b>
Funções familiares	.526	.888
Tempos livres	.552	.891
Relações extrafamiliares	.635	.881
Autonomia e privacidade	.385	.898
Comunicação e conflitos	.736	.873
Sentimentos e expressão dos sentimentos	.778	.870
Sexualidade	.762	.872
Intimidade emocional	.790	.872
Continuidade da relação	.734	.873
Características físicas e psicológicas	.529	.887
<b>Total das subescalas</b>		<b>.90</b>

### **3.2.3.3 ESAF – Escala Sobre a Felicidade (Barros, 2001)**

A Escala Sobre a Felicidade (ESAF) tem como intuito verificar o que pensam as pessoas sobre si mesmas e sobre a sua vida, com uma base de fatores idiossincráticos relativos ao funcionamento psicológico e fatores sociodemográficos dos mesmos (França, 2011). Trata-se de uma escala composta por 18 itens, sendo solicitado o grau de concordância com cada item e aquilo que verdadeiramente sente relativamente a cada um, dando destaque a fatores relacionados com o constructo de felicidade e com diversas dimensões da mesma, do bem-estar e da satisfação com a vida (França, 2011).

Os itens da ESAF foram formulados de acordo com aspectos realçados por Ryff em 1989e por fatores relacionados com o construto de felicidade, destacados por outros autores (Barros, 2010).

A escala de respostas é do tipo Likert, apresentando cinco alternativas de resposta, nomeadamente (1) totalmente em desacordo, (2) bastante em desacordo, (3) nem de acordo nem em desacordo, (4) bastante de acordo e (5) totalmente de acordo,

sendo a cotação efectuada pelo somatório das pontuações dos 18 itens, podendo variar entre 18 (mínimo de felicidade) e 90 (máximo de felicidade) (França, 2011).

O estudo psicométrico realizado para a população portuguesa apresenta bons resultados e uma aceitável consistência interna (França, 2011).

### **Características psicométricas da amostra em estudo**

As características psicométricas da escala na amostra em estudo (N=136) foram testadas em termos de consistência interna através do *alpha* de *Cronbach*, o qual apresentou um valor de .83 e nível bom de consistência interna. O Quadro 5 descreve os resultados desta mesma consistência interna.

**Quadro 5- Resultados da análise da consistência interna da ESAF (N=136)**

<b>Itens</b>	<b>Correlação do item com o total da escala (corrigido)</b>	<b>Alfa se o item for eliminado</b>
Sinto-me bem comigo mesmo	.366	.817
Tenho um bom conceito de mim mesmo	.230	.823
Aceito-me como sou	.214	.827
Relaciono-me bem com as outras pessoas	.434	.813
Faço amigos facilmente	.225	.823
Gosto de me sentir livre	.483	.811
Controlo o ambiente em que vivo	.215	.825
Aceito o meu passado	.434	.813
Sei viver o momento presente	.564	.805
Tenho projectos para o futuro	.458	.812
Espero evoluir cada vez mais	.441	.813
Sinto-me uma pessoa feliz	.532	.807
Luto pelo meu bem-estar	.234	.823
Considero-me uma pessoa alegre	.553	.806
Sinto-me satisfeito com a vida	.478	.811

**Quadro 5- Resultados da análise da consistência interna da ESAF (N=136)  
(CONT.)**

<b>Itens</b>	<b>Correlação do item com o total da escala (corrigido)</b>	<b>Alfa se o item for eliminado</b>
Tenho conseguido atingir os meus objectivos	.502	.809
Considero-me uma pessoa cheia de esperança	.489	.810
Tenho bastante sentido de humor	.484	.810
<b>Total da Escala</b>		<b>.82</b>

#### **3.2.3.4 IBP – Índice de Bem-estar Pessoal (Pais-Ribeiro & Cummins, 2008)**

O Índice de Bem-Estar Pessoal (IBP) foi desenvolvido no âmbito do International Wellbeing Group para avaliar o bem-estar subjetivo, através da satisfação do indivíduo com diferentes domínios da vida, nomeadamente satisfação com o nível de vida, saúde, realização pessoal, relações pessoais, sentimentos de segurança, ligação à comunidade, segurança com o futuro e, a partir de 2006, espiritualidade e religião (Pais-Ribeiro & Cummins, 2008). Em 2001, vários investigadores da área abandonaram a Comprehensive Quality of Life Scale (Cummins, McCabe, Romeo, & Gullone, 1994) por esta nunca ter evidenciado fatorização em sete dos seus domínios, e passou a utilizar-se o presente teste de avaliação (Pais-Ribeiro & Cummins, 2008). A escolha destes domínios teve como critérios descrever aspetos da vida passíveis de avaliação e constituírem uma variável indicadora, em contraste com uma causal (Fayers, Hand, Bjordal & Groenvold, 1997; cit in Pais-Ribeiro & Cummins, 2008).

Nesta escala, é pretendido que o indivíduo avalie o nível de satisfação com cada domínio, numa escala de Likert que varia entre (0) totalmente insatisfeito e (10) totalmente satisfeito, com uma posição intermédia imparcial.

O estudo psicométrico da escala realizado a 1900 indivíduos dos 18 distritos de Portugal, prediz 62% da variância da satisfação de vida geral apresentando um *alpha de*

*Cronbach* de .81, semelhante em outros idiomas e culturas, e que apesar das discrepâncias na contribuição única de cada item, recomenda-se a sua utilização na população portuguesa (Pais-Ribeiro & Cummins, 2008).

### **Características psicométricas da amostra em estudo**

As características psicométricas da escala na amostra em estudo foram testadas em termos de consistência interna, realizado o *alpha* de *Cronbach*. Neste seguimento, na presente amostra (N=136), o IBP apresentou um *alpha* de *Cronbach* de .74, conferindo-lhe uma consistência interna aceitável, o qual pode ser observado no Quadro 6.

**Quadro 6- Resultados da análise da consistência interna do IBP (N=136)**

<b>Itens</b>	<b>Correlação do item com o total da escala (corrigido)</b>	<b>Alfa se o item for eliminado</b>
Qual o grau de satisfação com o seu nível de vida?	.602	.671
Qual o grau de satisfação com a sua saúde?	.495	.696
Qual o grau de satisfação com o que está a conseguir obter da vida com o seu esforço?	.593	.677
Qual o grau de satisfação com as suas relações pessoais?	.370	.721
Qual o grau de satisfação com a sua segurança (quando se desloca pelas ruas)?	.243	.741
Qual o grau de satisfação com o sentimento de pertença à sua comunidade (ao grupo de pertença de que faz parte)?	.397	.716

**Quadro 6- Resultados da análise da consistência interna do IBP (N=136) (CONT.)**

<b>Itens</b>	<b>Correlação do item com o total da escala (corrigido)</b>	<b>Alfa se o item for eliminado</b>
Qual o grau de satisfação com a segurança do seu futuro?	.351	.728
Qual o grau de satisfação com a sua vida espiritual ou com a sua religião?	.392	.717
<b>Total da Escala</b>		<b>.74</b>

### **3.2.3.5 Inventário da Personalidade NEO-FFI (adaptação portuguesa de Lima & Simões, 2000)**

O Inventário da Personalidade NEO-FFI é uma versão reduzida do instrumento de personalidade NEO-PI-R (Costa & McCrae, 1985), e adaptado por Lima (2002) à população portuguesa (Yassine, 2011).

O NEO-FFI sustenta-se no Modelo dos Cinco Fatores, sendo vocacionado para medir as cinco principais dimensões da personalidade, particularmente o neuroticismo, extroversão, abertura à experiência, amabilidade e conscienciosidade (Pinto, 2011), avaliando fiável e rapidamente os domínios da personalidade do indivíduo adulto (Yassine, 2011), permitindo verificar as diferenças individuais relativamente aos traços de personalidade humana (Allemand, Zimprich & Henriks, 2008; cit por Yassine, 2011).

Numa descrição das dimensões entende-se por:

*Neuroticismo*: “ questão que opõe a estabilidade à instabilidade emocional, identificando indivíduos com propensão para a descompensação emocional, ideias irrealistas, desejos e necessidades excessivas assim como aqueles que fornecem respostas de *coping* desadequadas” (Lima, 2002; cit por Yassine, 2011, p.36);

*Extroversão*: “quantidade e intensidade das interações interpessoais, o nível de actividade, a necessidade de estimulação e a capacidade de exprimir alegria” (Lima, 2002; cit por Yassine, 2011, p.36);

*Abertura à experiência*: “a procura proativa e apreciação da experiência por si própria, a tolerância e a exploração do que não é familiar” (Lima, 2002; cit por Yassine, 2011, p.36);

*Amabilidade*: “qualidade da orientação interpessoal num contínuo que se estende da compaixão ao antagonismo nos pensamentos, sentimentos e acções” (Lima, 2002; cit por Yassine, 2011, p.36);

*Conscienciosidade*: “grau de organização, persistência e motivação no comportamento orientado para um objectivo, contrastando pessoas que são de confiança e escrupulosas com aquelas que são preguiçosas e descuidadas (relativamente ao último traço) (Lima, 2002; cit por Yassine, 2011, p.36).

Para Yassine (2011), os traços de “Neuroticismo” e “Extroversão” constituem o plano afetivo do indivíduo, enquanto o plano interpessoal do mesmo é definido pelas dimensões “Extroversão e “Amabilidade”.

Trata-se, então, de uma escala composta por 5 sub-escalas com 12 itens cada, dando um total de 60 itens sob a forma de afirmações, destinada a sujeitos com mais de 17 anos e sem quaisquer perturbações com características psicóticas (Pinto, 2011).

A escala de respostas é do tipo Likert com 5 alternativas de resposta, nomeadamente (0) Discordo Fortemente, (1) Discordo, (2) Neutro, (3) Concordo e (4) Concordo Fortemente.

Na perspectiva de Lima (2002) o NEO-FFI é um dos poucos testes de personalidade para adultos, podendo ser administrado a partir dos 17 anos e durante toda a idade adulta, a indivíduos de todos os níveis de ensino e estatuto social.

A versão adaptada para a população portuguesa reproduz a análise factorial do instrumento original, apresentando valores de *alpha* de Cronbach entre .69 (Abertura à experiência) e .81 (Conscienciosidade), conferindo boa consistência interna para a população referente (Pinto, 2011).

## Características psicométricas da amostra em estudo

As características psicométricas da escala na amostra em estudo foram igualmente, testadas em termos de consistência interna através do *alfa* de *Cronbach*. Para a nossa amostra (N=136) a escala apresentou um *alpha* de *Cronbach* de .72, conferindo-lhe uma consistência interna aceitável, o qual pode ser observado no Quadro 7.

**Quadro 7- Resultados da análise da consistência interna do NEO-FFI (N=136)**

<b>Itens</b>	<b>Correlação do item com o total da escala (corrigido)</b>	<b>Alfa se o item for eliminado</b>
Não sou uma pessoa preocupada	.219	.666
Gosto de ter muita gente à minha volta.	-.031	.679
Não gosto de perder tempo a sonhar acordado(a).	.246	.665
Tento ser delicado com todas as pessoas que encontro.	-.004	.677
Mantenho as minhas coisas limpas e em ordem.	-.172	.691
Sinto-me muitas vezes inferior às outras pessoas.	.182	.668
Rio facilmente.	.216	.668
Quando encontro uma maneira correcta de fazer qualquer coisa não mudo mais.	.224	.667
Frequentemente arranjo discussões com a minha família e colegas de trabalho.	-.057	.681
Sou bastante capaz de organizar o meu tempo de maneira a fazer as coisas dentro do prazo.	.131	.672

**Quadro 7- Resultados da análise da consistência interna do NEO-FFI (N=136)  
(CONT.)**

<b>Itens</b>	<b>Correlação do item com o total da escala (corrigido)</b>	<b>Alfa se o item for eliminado</b>
Quando estou numa grande tensão sinto-me, às vezes, como se me estivessem a fazer em pedaços.	.135	.671
Não me considero uma pessoa alegre.	.394	.655
Fico admirado(a) com os modelos que encontro na arte e na natureza.	.186	.668
Algumas pessoas pensam que sou invejoso(a) e egoísta.	.273	.663
Não sou uma pessoa muito metódica (ordenada).	.348	.659
Raramente me sinto só ou abatido(a).	-.002	.678
Gosto muito de falar com as outras pessoas.	.038	.675
Acredito que deixar os alunos ouvir pessoas, com ideias discutíveis, só os pode confundir e desorientar.	.133	.671
Preferia colaborar com as outras pessoas do que competir com elas.	-.095	.680
Tento realizar, conscienciosamente, todas as minhas obrigações.	.218	.669
Muitas vezes sinto-me tenso(a) e enervado(a).	-.026	.678
Gosto de estar onde está a acção.	.277	.665
A poesia pouco ou nada me diz.	.220	.667
Tendo a ser descrente ou a duvidar das boas intenções dos outros.	-.049	.679
Tenho objectivos claros e faço por atingi-los de uma forma ordenada.	.090	.673

**Quadro 7- Resultados da análise da consistência interna do NEO-FFI (N=136)  
(CONT.)**

<b>Itens</b>	<b>Correlação do item com o total da escala (corrigido)</b>	<b>Alfa se o item for eliminado</b>
Às vezes sinto-me completamente inútil.	.327	.660
Normalmente prefiro fazer as coisas sozinho(a).	.070	.675
Frequentemente experimento comidas novas e desconhecidas.	.385	.657
Penso que a maior parte das pessoas abusa de nós, de as deixarmos.	-.241	.689
Perco muito tempo antes de me concentrar no trabalho.	.330	.661
Raramente me sinto amedrontado(a) ou ansioso(a).	.241	.666
Muitas vezes, sinto-me a rebentar de energia.	.400	.660
Poucas vezes me dou conta da influência que diferentes ambientes produzem nas pessoas.	.036	.675
A maioria das pessoas que conheço gostam de mim.	.310	.666
Trabalho muito para conseguir o que quero.	.205	.669
Muitas vezes aborrece-me a maneira como as pessoas me tratam.	.282	.664
Sou uma pessoa alegre e bem disposta.	.056	.675
Acredito que devemos ter em conta a autoridade religiosa quando se trata de tomar decisões respeitantes à moral.	.178	.669

**Quadro 7- Resultados da análise da consistência interna do NEO-FFI (N=136)  
(CONT.)**

<b>Itens</b>	<b>Correlação do item com o total da escala (corrigido)</b>	<b>Alfa se o item for eliminado</b>
Algumas pessoas consideram-me frio(a) e calculista.	.232	.665
Quando assumo um compromisso podem sempre contar que eu o cumpra.	.347	.664
Muitas vezes quando as coisas não me correm bem perco a coragem e tenho vontade de desistir.	.263	.664
Não sou um(a) grande optimista.	-.085	.713
Às vezes ao ler poesia e ao olhar para uma obra de arte sinto um arrepio ou uma onda de emoção.	.428	.656
Sou inflexível e duro(a) nas minhas atitudes.	.378	.657
Às vezes não sou tão seguro(a) ou digno(a) de confiança como deveria ser.	.146	.671
Raramente estou triste ou deprimido(a).	.254	.666
A minha vida decorre a um ritmo rápido.	.121	.672
Gosto pouco de me pronunciar sobre a natureza do universo e da condição humana.	.157	.670
Geralmente procuro ser atencioso(a) e delicado(a).	.314	.666

**Quadro 7- Resultados da análise da consistência interna do NEO-FFI (N=136)  
(CONT.)**

<b>Itens</b>	<b>Correlação do item com o total da escala (corrigido)</b>	<b>Alfa se o item for eliminado</b>
Sou uma pessoa aplicada, conseguindo sempre realizar o meu TRABALHO	-.128	.683
Sinto-me, muitas vezes, desamparado(a), desejando que alguém resolva os meus problemas por mim.	.317	.660
Sou uma pessoa muito activa.	.184	.669
Tenho muita curiosidade intelectual.	.185	.669
Quando não gosto das pessoas faço- lhe saber.	.316	.662
Parece que nunca consigo ser organizado(a).	.390	.657
Já houve alturas em que fiquei tão envergonhado(a) que desejava meter- me num buraco.	.051	.676
Prefiro tratar da minha vida a ser chefe das outras pessoas.	.054	.675
Muitas vezes dá-me prazer brincar com teorias e ideias abstractas.	-.044	.680
Se for necessário não hesito em manipular as pessoas para conseguir aquilo que quero.	.106	.673
Esforço-me por ser excelente em tudo o que faço.	1.52	.671
<b>Total da Escala</b>		<b>.72</b>

Relativamente às subescalas, o Quadro 8 apresenta os resultados da consistência interna.

**Quadro 8- Resultados da análise da consistência interna das subescalas do NEO-FFI (N=136)**

<b>Itens</b>	<b>Correlação do item com o total da escala (corrigido)</b>	<b>Alfa se o item for eliminado</b>
Neuroticismo	.221	.605
Extroversão	.456	.461
Abertura à experiência	.449	.453
Amabilidade	.316	.534
Conscienciosidade	.287	.548
<b>Total das subescalas</b>		<b>.59</b>

### 3.3.4 Procedimentos de análise e tratamento de dados

A análise dos dados foi realizada através de procedimentos estatísticos com o auxílio do programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 20.0, uma vez ser um estudo quantitativo, adotando-se um nível de significância de 5% ( $p \leq 0,05$ ).

Inicialmente realizou-se a estatística descritiva, procurando-se caracterizar os dados sociodemográficos dos participantes de estudo, através do cálculo das frequências, médias e desvio-padrão, consoante o tipo de variável em causa.

Antes de proceder à análise dos dados, foi necessário efetuar os testes de normalidade e homogeneidade das variâncias para a amostra, decidindo se as variáveis reúnem as condições para a realização de testes paramétricos ou não paramétricos. Assim, realizou-se o estudo da normalidade das distribuições, através do teste *Kolmogorov-Smirnov* ( $n > 30$ ) e, uma vez que os valores de significância foram inferiores a .05, concluiu-se não existir uma distribuição normal em nenhuma das variáveis (satisfação conjugal, bem-estar subjetivo, felicidade e satisfação sexual). Dado este resultado, não são cumpridos os pressupostos para testar a homogeneidade das

variâncias, procedendo-se à aplicação de testes não paramétricos na análise dos dados recolhidos.

De forma a verificar as correlações existentes entre as variáveis de estudo, nomeadamente a correlação entre a satisfação conjugal e as variáveis bem-estar subjetivo, felicidade e satisfação sexual, procedeu-se à aplicação do teste de *Spearman*. Para verificar se existia diferenças de género relativamente às diversas variáveis aplicou-se o teste *U* de *Mann-Whitney*.

Por fim, efectuamos os cálculos do *alpha* de *Cronbach*, de modo a verificar a consistência interna dos instrumentos utilizados no estudo, como a EASAVIS, IBP, ESAF e NEO-FFI.

No capítulo seguinte são apresentados os resultados relativos aos procedimentos descritos e à testagem das hipóteses enumeradas no presente capítulo.

## Capítulo IV: Apresentação de resultados

---

Após a aplicação dos instrumentos para a recolha de dados, torna-se necessário proceder à respetiva apresentação e análise dos mesmos, com o intuito de se poderem extrair algumas ilações. Deste modo, neste capítulo apresentam-se os resultados referentes às análises estatísticas dos dados recolhidos, com o intuito de responderem às questões de investigação, bem como testar as hipóteses formuladas. Serão, também, apresentados os resultados referentes às análises exploratórias realizadas.

Para testar as hipóteses de estudo avaliamos, inicialmente, os pressupostos estatísticos, verificando que, através do teste de normalidade, não existia uma distribuição normal das variâncias.

### 4.1 Hipótese 1

*Espera-se que os casais mais felizes apresentem maior satisfação conjugal em diversas áreas e, por conseguinte, um casamento de maior sucesso.*

A Hipótese 1 previa que os indivíduos com maiores níveis de felicidade apresentavam uma satisfação mais elevada com o seu relacionamento.

Tratando-se de variáveis que não seguem uma distribuição normal, esta hipótese foi testada recorrendo a testes não paramétricos. Assim, para analisar a relação entre a Felicidade e a Satisfação Conjugal da amostra de estudo, procedeu-se à realização do teste de *Spearman*.

Numa primeira análise podemos verificar no Quadro 9 várias correlações estatisticamente significativas entre as subescalas da EASAVIC e da ESAF.

Deste modo, verificamos uma correlação positiva baixa entre as funções familiares executadas e a felicidade ( $r=.254$ ,  $p\leq .01$ ), as características físicas e psicológicas de si próprio e do seu cônjuge e a felicidade do indivíduo ( $r=.269$ ,  $p\leq .01$ ), autonomia e privacidade e a felicidade ( $r=.297$ ,  $p\leq .01$ ) e tempos livres e felicidade ( $r=.302$ ,  $p\leq .01$ ), indicando que quanto mais autonomia e privacidade e tempos livres o indivíduo tiver na relação, mais feliz ele se sente.

Apuramos, de igual forma, existir correlações positivas moderadas entre as relações extrafamiliares e a felicidade ( $r=.453$ ,  $p\leq .01$ ), continuidade da relação e

felicidade ( $r=.456$ ,  $p\leq .01$ ), comunicação e gestão dos conflitos e felicidade ( $r=.470$ ,  $p\leq .01$ ), sentimentos e expressão dos sentimentos e felicidade ( $r=.487$ ,  $p\leq .01$ ), sexualidade e felicidade ( $r=.489$ ,  $p\leq .01$ ) e intimidade emocional e felicidade ( $r=.541$ ,  $p\leq .01$ ). Estes valores indicam que os indivíduos casados apresentam maior felicidade no seu relacionamento se existirem índices elevados de relações extrafamiliares, boa comunicação e gestão de conflitos, sentimentos e expressão adequada dos mesmos, sexualidade e intimidade emocional.

**Quadro 9 – Correlações Spearman entre Satisfação conjugal e Felicidade (N=136)**

Satisfação conjugal	Felicidade	
	<i>Coefficiente de correlação</i>	<i>P</i>
Funções familiares	.254**	.003
Tempos livres	.302**	.000
Relações extrafamiliares	.453**	.000
Autonomia e privacidade	.297**	.000
Sexualidade	.489**	.000
Comunicação e conflitos	.470**	.000
Sentimentos e expressão dos sentimentos	.487**	.000
Intimidade emocional	.541**	.000
Continuidade da relação	.456**	.000
Características físicas e psicológicas	.269**	.002

\*\* Correlação a um nível de significância ( $p\leq .01$ )

Deste modo, podemos concluir que existe uma associação entre a felicidade e a totalidade das subescalas da satisfação conjugal, apesar de baixa ou moderada. Esta correcção evidencia que para o sujeito se sentir feliz é necessário todas as subescalas estarem presentes de forma significativa.

A Hipótese 1 é confirmada, sugerindo que quanto mais felizes são os indivíduos, mais satisfeitos se encontram com o seu relacionamento.

## 4.2 Hipótese 2

*Espera-se que os casais que se encontram satisfeitos com os diferentes domínios da vida, manifestem maior satisfação no seu relacionamento em várias áreas da vida conjugal.*

A Hipótese 2 presumia que os indivíduos que apresentavam mais satisfação com os diferentes domínios da vida, ou seja, maior bem-estar subjetivo, apresentavam maior satisfação com o seu relacionamento.

Tratando-se de variáveis que não seguem uma distribuição normal, esta hipótese foi testada recorrendo a testes não paramétricos, nomeadamente o teste de *Spearman*, permitindo analisar a relação existente entre bem-estar subjetivo e satisfação conjugal.

Como podemos verificar pela análise do Quadro 10, existem diversas correlações estatisticamente significativas entre o IBP e as subescalas da EASAVIC.

Deste modo, confirma-se uma associação baixa entre o bem-estar subjetivo e as relações extrafamiliares ( $r=.274$ ,  $p \leq .01$ ), bem-estar subjetivo e sexualidade ( $r=.288$ ,  $p \leq .01$ ), bem-estar subjetivo e características físicas e psicológicas ( $r=.357$ ,  $p \leq .01$ ), bem-estar subjetivo e a continuidade da relação ( $r=.371$ ,  $p \leq .01$ ), bem-estar subjetivo e autonomia e privacidade ( $r=.392$ ,  $p \leq .01$ ) e bem-estar subjetivo e sentimentos e expressão dos sentimentos ( $r=.394$ ,  $p \leq .01$ ). Estes índices revelam que o bem-estar subjetivo, apesar da correlação baixa, parece estar associado às relações extrafamiliares, à satisfação com a sexualidade, às características físicas e psicológicas de cada um, à continuidade que pretendem dar a relação, à autonomia e privacidade, bem como aos sentimentos e manifestação dos mesmos.

Para além destas associações, verificamos uma relação moderada entre bem-estar subjetivo e comunicação e conflitos ( $r=.409$ ,  $p \leq .01$ ) e bem-estar subjetivo e intimidade emocional ( $r=.412$ ,  $p \leq .01$ ), indicando que boa comunicação e gestão dos conflitos e intimidade emocional estão associadas a maiores índices de bem-estar subjectivo.

Contudo, existem duas variáveis que não parecem apresentar relação estatisticamente significativa, nomeadamente o bem-estar subjetivo e as funções familiares ( $r=.092$ ,  $p \geq .05$ ) e o bem-estar subjetivo e os tempos livres ( $r=.672$ ,  $p \geq .05$ ),

revelando que o bem-estar subjetivo dos indivíduos não implica as funções familiares executadas por cada membro do casal e dos seus tempos livres.

**Quadro 10 – Correlações *Spearman* entre Satisfação conjugal e Bem-Estar Subjetivo (N=136)**

Satisfação conjugal	Bem-Estar Subjetivo	
	<i>Coefficiente de correlação</i>	<i>P</i>
Funções familiares	.145	.092
Tempos livres	.037	.672
Relações extrafamiliares	.274**	.001
Autonomia e privacidade	.392**	.000
Sexualidade	.288**	.001
Comunicação e conflitos	.409**	.000
Sentimentos e expressão dos sentimentos	.394**	.000
Intimidade emocional	.412**	.000
Continuidade da relação	.371**	.000
Características físicas e psicológicas	.357**	.000

\*\* Correlação a um nível de significância ( $p \leq 0.01$ )

Deste modo, podemos concluir que existe uma associação entre o bem-estar subjetivo e várias subescalas da satisfação conjugal, apesar de esta correlação ser baixa ou moderada. A Hipótese 2 é assim parcialmente aceite, sugerindo que quanto mais satisfeitos estiverem os indivíduos com a sua vida no geral, mais satisfeitos estão com a sua relação amorosa. Altos níveis de bem-estar subjetivo encontram-se relacionados com a intimidade emocional, a comunicação e gestão de conflitos, sentimentos e expressão dos mesmos, autonomia e privacidade dos membros da relação, continuidade da relação, características físicas e psicológicas, sexualidade e relações extrafamiliares.

### 4.3 Hipótese 3

*Espera-se que a satisfação com o relacionamento sexual seja manifestada pelos casais com melhor satisfação marital.*

A Hipótese 3 previa existir uma relação entre a satisfação sexual dos indivíduos e a satisfação com o seu relacionamento.

Uma vez não se tratarem de variáveis que seguem uma distribuição normal, esta hipótese foi testada recorrendo a testes estatísticos não paramétricos, nomeadamente o teste de *Spearman*, de modo a verificar se existia uma correlação positiva entre estas variáveis.

**Quadro 11 – Correlações *Spearman* entre Satisfação conjugal e Satisfação Sexual (N=136)**

Satisfação Sexual		
	<i>Coefficiente de correlação</i>	<i>P</i>
<b>Satisfação conjugal</b>	.838**	.000

\*\* Correlação a um nível de significância ( $p \leq 0.01$ )

Através do Quadro 11 podemos verificar que existe associação entre a satisfação sexual dos indivíduos da amostra e a satisfação global com o seu relacionamento, apresentando uma correlação alta entre as duas variáveis ( $r = .838$ ,  $p \leq 0.01$ ). Isto indica que a sexualidade e a satisfação com a mesma é um forte indicador de satisfação global com o seu casamento. Calculado o coeficiente de determinação ( $r^2 = 0.70$ ) para esta hipótese, concluímos que 70% da variância dos dados é explicada pela relação das variáveis, indicando que os restantes 30% dos dados são de origem desconhecida.

Deste modo, a Hipótese 3 é confirmada pelos resultados, sugerindo que quanto mais satisfeitos os indivíduos estiverem a nível sexual, mais satisfeitos se encontram com a sua relação conjugal.

#### 4.4 Hipótese 4

*Espera-se uma diferença significativa entre géneros relativamente à satisfação conjugal, felicidade, bem-estar subjetivo, satisfação sexual e em algumas características de personalidade, como neuroticismo, extroversão, abertura à experiência, amabilidade e conscienciosidade.*

Na Hipótese 4 previa-se existirem diferenças estatisticamente significativas entre os géneros nas diferentes variáveis, nomeadamente na satisfação conjugal, felicidade, bem-estar subjetivo e satisfação sexual.

Mais uma vez, dada a natureza não paramétrica das variáveis estudadas, procedeu-se à realização do teste U de Mann-Whitney, de forma a verificar as diferenças entre duas amostras independentes, em variáveis distintas.

Numa primeira análise, podemos verificar no Quadro 12 que os resultados obtidos pelo teste U de Mann-Whitney não foram significativos para os efeitos de género.

Deste modo, verificamos para a Satisfação Conjugal que o resultado obtido ( $Z(U) = -1.258, p \geq .05$ ) não difere significativamente em relação a ambos os géneros, uma vez que as mulheres apresentam uma média de 64.78 e os homens 73.36.

Quanto à variável Felicidade, parece que os valores também não sugerem existir diferenças entre ambos os sexos ( $Z(U) = -1.637, p \geq .05$ ), dada a proximidade de médias entre os homens e as mulheres com 74.81 e 63.67, respectivamente.

Relativamente ao Bem-estar Subjetivo, as médias de 65,58 para as mulheres e 72.31 para os homens indicam que os valores obtidos no U de Mann-Whitney ( $Z(U) = -.987, p \geq .05$ ) não revelam diferenças estatisticamente significativas entre ambos.

Parece, também, não existirem diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres relativamente à satisfação sexual ( $Z(U) = -1.394, p \geq .05$ ), dado que os homens apresentam uma média de 73.86 e as mulheres 64.39.

No que concerne à personalidade e às suas diversas dimensões, podemos verificar que relativamente ao Neuroticismo não se verifica diferenças significativas entre ambos os sexos ( $Z(U) = -.414, p \geq .05$ ), onde as mulheres apresentam uma média de 66,27 e os homens 69,06. Quanto ao traço de personalidade Extroversão, o resultado obtido ( $Z(U) = -.130, p \geq .05$ ) revela que as diferenças encontradas entre os géneros não são estatisticamente significativas, uma vez que os indivíduos do sexo feminino

apresentam uma média de 68.88 e os homens 68. Em relação à Abertura à Experiência, parece que as discrepâncias entre homens e mulheres também não são significativas ( $Z(U) = -.242, p \geq .05$ ), onde eles apresentam 69.43 e as mulheres 67.79. Quanto ao traço de Amabilidade, as mulheres manifestaram uma média de 71.45, comparativamente com os homens que apresentaram 64.65. Todavia, estas diferenças não são significativamente estatísticas ( $Z(U) = -1,00, p \geq .05$ ). Por fim, no traço Conscienciosidade o valor obtido no teste ( $Z(U) = -.302, p \geq .05$ ) não revela diferenças estatisticamente significativas entre mulheres e homens, apresentando como médias 69.39 e 67.34, respetivamente.

**Quadro 12 – Teste U de Mann-Whitney para a diferença de géneros nas variáveis: satisfação conjugal, felicidade, bem-estar subjectivo e satisfação sexual (N=136)**

	<b>n</b>	<b>Mean Rank</b>	<b>Z</b>	<b>P</b>
<b>Satisfação conjugal</b>				
Feminino	77	64,78	-1,258	.208
Masculino	59	73,36		
<b>Felicidade</b>				
Feminino	77	63,67	-1,637	.102
Masculino	59	74,81		
<b>Bem-estar subjectivo</b>				
Feminino	77	65,58	-.987	.323
Masculino	59	72,31		
<b>Satisfação sexual</b>				
Feminino	77	64,39	-1.394	.163
Masculino	59	73,86		
<b>Personalidade</b>				
<i>Neuroticismo</i>				
Feminino	77	66,27	-.414	.679
Masculino	59	69,06		
<i>Extroversão</i>				
Feminino	77	68,88	-.130	.897
Masculino	59	68,00		
<i>Abertura à experiência</i>				
Feminino	77	67,79	-.242	.809
Masculino	59	69,43		
<i>Amabilidade</i>				
Feminino	77	71,45	-1,000	.317
Masculino	59	64,65		
<i>Conscienciosidade</i>				
Feminino	77	69,39	-.302	.763
Masculino	59	67,34		

Assim, os indivíduos do sexo masculino parecem apresentar as médias mais elevadas em todas as variáveis estudadas, comparativamente aos indivíduos do sexo feminino, nas variáveis Satisfação conjugal, Felicidade, Bem-estar subjetivo e Satisfação Sexual. Porém, na variável Personalidade, existem oscilações entre a predominância do sexo, uma vez que as mulheres apresentam índices mais elevados nas subescalas Extroversão, Amabilidade e Conscienciosidade, enquanto os homens apresentam em maior escala traços de Neuroticismo e Abertura à Experiência.

Rejeita-se a Hipótese 4, uma vez que não existem diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres, relativamente às dimensões avaliadas.

## **Capítulo V: Discussão dos resultados e conclusões finais**

---

No presente capítulo procede-se à discussão dos resultados obtidos e apresentados no capítulo anterior, integrando-os com a informação apresentada na revisão teórica da literatura. São apresentadas, de igual modo, as implicações de estudo encontradas no decorrer da investigação, bem como as conclusões finais e as implicações futuras do estudo.

### **5.1. Discussão dos Resultados**

#### **5.1.1 Hipótese 1**

De acordo com França (2011), a pertinência de estudos que abordem o impacto e/ou o aumento dos níveis de felicidade, e que de certa forma possa reduzir sintomatologias ou o amenizar certos acontecimentos, é a importância dada ao funcionamento psicológico positivo e o seu papel na área da saúde mental. O estudo da felicidade tem, nas últimas décadas, emergido consideravelmente, tentando-se procurar os fatores que para ele contribuem e os processos que a produzem (Kashdan, 2004).

De acordo com Seligman, Rashid e Parks (2006) o estudo da felicidade na saúde física e mental tem sido um contributo fundamental na prevenção de diversas perturbações mentais, como depressão e ansiedade, contribuindo, de igual modo, para um aumento da capacidade de concentração, resiliência e redução do impacto que as emoções negativas causam no corpo e na mente dos indivíduos.

Na hipótese 1 esperávamos que os casais mais felizes apresentassem maior satisfação conjugal em diversas áreas, contribuindo para um maior sucesso no casamento.

Vários investigadores têm proposto, nas suas pesquisas, existir uma forte associação entre o casamento e níveis elevados de satisfação, em diversas partes do globo (Diener et al., 2000). Não surpreendentemente, no nosso estudo verificaram-se correlações estatisticamente significativas entre o constructo de felicidade e a satisfação conjugal, nomeadamente as várias subescalas da mesma como funções familiares, tempos livres, relações extrafamiliares, autonomia e privacidade, comunicação e

conflitos, sexualidade, sentimentos e expressão dos mesmos, intimidade emocional, continuidade da relação e características físicas e psicológicas.

Uma vez verificado que a felicidade se relaciona com a satisfação conjugal, a amostra deste estudo revelou que essa mesma felicidade é, sobretudo, afetada pelas relações familiares e a forma como cada membro do casal se relaciona com os amigos, a família e a profissão de cada um, os projetos e as expectativas que têm para o futuro e continuidade da relação, a comunicação, ou seja, a frequência com que conversam, e a forma como resolvem os conflitos, os sentimentos que nutrem um pelo outro, a forma como os exprimem e o apoio emocional que dá e que recebe do cônjuge, a sexualidade do casal e intimidade emocional, nomeadamente a confiança, admiração, a partilha de interesses e a atenção dada aos desejos e interesses do seu companheiro (a).

Esta felicidade é caracterizada por sentirem-se bem consigo mesmos e aceitarem-se como são, ter bom relacionamento com as outras pessoas e boas amizades, saber aceitar o passado para não prejudicar o presente, ter projetos para o futuro, ser uma pessoa alegre e bem-disposta e lutar para alcançar os seus objetivos.

Dado estes resultados, foi-nos possível então confirmar a hipótese de estudo e verificar que a felicidade está directamente associada à satisfação conjugal e, conseqüentemente, a um casamento bem-sucedido (Lee & Ono, 2008). Isto indica que os indivíduos que estiverem mais satisfeitos nas diversas áreas da vida conjugal apresentam-se mais satisfeitos com o seu relacionamento conjugal.

### **5.1.2 Hipótese 2**

O conceito de Bem-estar subjetivo tem surgido, ultimamente, bastante interligado com a Saúde Mental, obtendo grande curiosidade por parte de vários investigadores, particularmente Psicólogos (França, 2011). Segundo Demirtas e Tezer (2012), os estudos realizados na área têm procurado descobrir os fatores que estão associados ao bem-estar subjetivo, admitindo que o casamento e os relacionamentos amorosos são uma importante influência.

Para Quevedo e Abella (2010), um bom nível de bem-estar subjetivo está relacionado com níveis significativos de afeto positivo e uma apreciação positiva da sua satisfação de vida.

Na hipótese 2 era esperado que a satisfação conjugal e o bem-estar subjetivo estivessem associados, e que índices elevados nas áreas da satisfação conjugal

contribuíssem para um aumento do bem-estar subjetivo, nomeadamente a satisfação com o seu nível de vida, com a saúde, com o alcance de objetivos, com as relações pessoais, com a sua segurança, com o sentimento de pertença à comunidade ou a grupos onde está inserido, com a sua segurança, com o futuro e com a sua vida espiritual e religiosa.

No nosso estudo, verificamos que o bem-estar se encontra praticamente relacionado com a totalidade das áreas da vida conjugal e, portanto, com a satisfação conjugal. Deste modo, os participantes consideram como fundamental para o seu bem-estar subjetivo a comunicação com o seu cônjuge, nomeadamente a frequência com que conversam, os assuntos que abordam, a frequência de conflitos e a forma como os resolvem e a intimidade emocional, ou seja, a confiança que existe dentro do casal, a admiração, a partilha de interesses e a atenção que é dada aos mesmos por ambas as partes. Não considerados tão significativos como os domínios anteriores, os indivíduos consideram que as relações extrafamiliares, a forma como se relacionam com a família e os amigos, a frequência das relações sexuais, a qualidade e o prazer que sentem nas mesmas, as peculiaridades físicas e psicológicas de cada um, a autonomia e privacidade, a expressão dos sentimentos e apoio emocional dado e recebido também influenciam o bem-estar subjetivo dos indivíduos.

Contudo, parece que este constructo não é influenciado pelas funções familiares executadas e pelos tempos livres, ou seja, a forma como gerem a situação financeira, a distribuição de tarefas e responsabilidades, o modo com tomam decisões, a quantidade e as ocupações livres que apresentam não são significativas para um aumento do bem-estar subjetivo.

Vários autores (Reis, Collins, & Berscheid, 2000; cit in Demirtas & Tezer, 2012) referem que as relações amorosas, a sua qualidade e satisfação com as mesmas, e o bem-estar subjetivo se encontram associados com a felicidade ao longo da vida. No nosso estudo, constatou-se que o bem-estar subjetivo contribui para um relacionamento positivo e que níveis elevados de felicidade, indicam maior satisfação com a sua vida como um todo, permitindo-nos confirmar parcialmente a hipótese 2.

### **5.1.3 Hipótese 3**

De acordo com Menezes (2008) a satisfação sexual é o grau de satisfação que o indivíduo sente relativamente à intimidade que tem com o seu cônjuge e à própria

relação conjugal, implicando a satisfação das necessidades, desejos e expectativas de ambos os protagonistas da relação, agindo como um factor de estabilidade no casamento.

Partindo do pressuposto que a sexualidade é uma componente central do protótipo de qualidade no relacionamento, na hipótese 3 esperávamos que a satisfação sexual dos indivíduos da amostra estivesse positivamente relacionada com a satisfação conjugal.

Diversos autores mencionam nas suas pesquisas que a satisfação sexual satisfatória relaciona-se com a qualidade das relações, a frequência do sexo, baixos níveis de conflitos conjugais (Hendrick & Hendrick, 2002; cit in Bodenmann et al., 2007), circunstâncias familiares, presença de filhos, situação de empregabilidade e determinados estados psicológicos, como ansiedade, depressão, pensamentos e crenças. No nosso estudo verificamos que a satisfação sexual se relaciona com a satisfação conjugal, particularmente a importância que o casal atribui à frequência das relações sexuais, ao desejo sexual que existe entre o casal, à qualidade das relações e ao prazer das mesmas. Comparativamente com as outras variáveis do estudo, nomeadamente a felicidade, o bem-estar subjetivo e a personalidade, a satisfação sexual dos participantes é a que apresenta associação mais forte.

Deste modo, os dados obtidos vão de encontro com a revisão literária, o que nos permite confirmar a hipótese 3, de que a satisfação sexual é fundamental para o bom funcionamento conjugal e, conseqüentemente, para um casamento de sucesso.

#### **5.1.4 Hipótese 4**

Na hipótese 4, era esperado existirem diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres quanto à satisfação conjugal no seu todo, felicidade, bem-estar subjetivo, satisfação sexual e personalidade.

A pesquisa acerca das diferenças sexuais está historicamente associada ao desejo masculino de compreender a natureza da mulher (Hare-Mustin & Marecek, 1994; cit in Nogueira, 2001). Relativamente à satisfação conjugal os dados obtidos no nosso estudo estão de acordo com o que a literatura sugere. Os homens apresentam-se mais satisfeitos com a sua relação conjugal e encaram-na de forma mais positiva, comparativamente às mulheres (Pacheco, 2008), apesar de esta diferença não ser estatisticamente significativa na amostra em questão.

Quanto às variáveis da felicidade e do bem-estar subjetivo, Laumann, Paik e Rosen (1999; cit in Rosen & Bachmann, 2008) defendem que as mulheres tendem a mostrar índices mais elevados nestes domínios, comparativamente aos indivíduos do sexo masculino. Porém, no nosso estudo os resultados contrariam a literatura, uma vez que, apesar das diferenças não serem estatisticamente significativas, os homens apresentam médias mais altas de felicidade e bem-estar subjetivo. Este resultado pode, segundo Nogueira (2001), estar associado ao facto de as mulheres se encontrarem mais sobrecarregadas nos seus papéis sociais, particularmente nas tarefas executadas, e apresentarem menos tempo para elas próprias, o que condiciona a sua satisfação com os diferentes domínios da vida.

A nível da satisfação sexual, os mesmos autores (Laumann, Paik & Rosen, 1999; cit in Rosen & Bachmann, 2008) referem que as mulheres apresentam-se mais satisfeitas sexualmente na sua relação e tendem, mediante Heller e Wood (1998; cit in Gomes, 2011) a exprimirem mais sentimentos de intimidade no seu casamento. No presente estudo, os resultados contrariam o que é sugerido pela literatura, revelando que os homens apresentam-se mais satisfeitos sexualmente, do que as mulheres, no seu casamento. Estes resultados podem, mais uma vez, serem explicados pela quantidade de tarefas que estas executam, nomeadamente o cuidado da casa, a educação dos filhos e o próprio emprego que desempenham (Nogueira, 2001).

Quanto às dimensões da personalidade, os estudos indicam que as mulheres parecem apresentar traços neuróticos mais significativos, comparativamente com os seus maridos (Costa, Terracciano & McCrae, 2001; cit in Renshaw et al., 2010). Num estudo realizado em 37 países concluiu-se, também, que os traços de neuroticismo encontram-se mais presentes nas mulheres (Lynn e Martin, 1997; cit in Guees, 2012). Porém, no nosso estudo, verificou-se o contrário, ou seja, os homens, apesar de não ser estatisticamente significativo, apresentem mais traços de neuroticismo do que as mulheres.

Para as mulheres, o traço de extroversão é um dos mais importantes (Chen et al., 2007; cit in Claxton et al., 2013), apesar de ser, sobretudo, manifesto por indivíduos do sexo masculino (Lynn & Martin, 1997; cit in Guees, 2012). Na presente investigação, verifica-se que este traço de personalidade é mais característico das mulheres, apesar de não ser uma diferença estatisticamente significativa.

No que concerne à abertura à experiência, os homens parecem ser mais instrumentais que as mulheres, realizam um maior número de atividades e apreciam

mais o “fazer” do que o “ser” (Hook, Gerstein, Detterich & Gridley, 2003; Santos, 2010), confirmando os resultados obtidos no nosso estudo. Todavia, estas diferenças não são estatisticamente significativas.

A amabilidade é considerada um fator essencial da personalidade e do funcionamento conjugal (Tobin, Graziano, VanMan, e Tassinary, 2000; cit in Donnellan et al., 2004). Os dados obtidos na nossa análise, permitiram-nos concluir que as mulheres apresentam este traço em predominância, apesar de não ser estatisticamente significativo, devido, e, grande parte, a uma maior sensibilidade por parte das mesmas.

Quanto à conscienciosidade, os homens manifestaram um índice maior, relativamente aos indivíduos do sexo feminino, indicando maior competência, ordem, obediência, luta pela realização dos seus objetivos, autodisciplina e deliberação. Os indivíduos do sexo masculino são considerados os que mais respeitam a ordem e a lei, os que mais independência e dominância apresentam (Nogueira, 2001).

Apesar de se verificar que os homens apresentam maiores índices em certas variáveis, as diferenças encontradas entre estes e as mulheres não são estatisticamente significativas. De facto, pesquisas indicam que ambos os sexos desejam ter ao seu lado parceiros que partilhem opiniões, desejos e gostos semelhantes a si mesmos (Botwin & Shackelford, 1997), evidenciando que os indivíduos que apresentam ideais diferentes do seu cônjuge estejam menos satisfeitos com o seu relacionamento. Estes resultados permitiu-nos rejeitar a hipótese 4 de que as diferenças encontradas entre géneros eram estatisticamente significativas.

## **5.2. Limitações de estudo**

Perante os resultados obtidos no estudo, verificamos algumas limitações que se encontram patentes.

Uma das limitações encontradas prende-se com o tipo de amostragem utilizada, nomeadamente não probabilística ou não aleatória por conveniência, interferindo na representatividade da amostra. Isto implica que os dados obtidos não sejam representativos da amostra portuguesa no seu geral, mas sim de indivíduos casados ou em união de facto a residir no distrito de Braga, não podendo os resultados serem generalizados a nível nacional. Este reduzido número de sujeitos poderá ter contribuído para a dificuldade em verificar diferenças entre géneros.

O estudo padece de outra limitação que se baseia no tipo de instrumentos utilizados, uma vez que são utilizadas escalas de auto-resposta, nas quais a subjetividade das respostas pode ser um fator preponderante nos resultados finais obtidos.

A administração do Inventário da Personalidade NEO-FFI foi um pouco questionável, uma vez que se verificaram questionários (posteriormente excluídos) onde itens não foram respondidos, concluindo-se a pouca clareza do instrumento e a extensão do mesmo.

### **5.3 Implicações futuras**

Contudo, apesar das limitações encontradas, procuramos analisar os dados da melhor forma possível, na medida em que sirvam para investigações futuras.

Deste modo, e dadas as limitações encontradas, achamos pertinente a realização de investigações que permitissem alargar o estudo a toda a população portuguesa, abrangendo outras áreas do país, de forma a testar diferenças de género relativamente às diversas variáveis da satisfação conjugal.

Sugerimos, de igual forma, a utilização de outro teste de personalidade para avaliar esta variável, de forma mais simples e clara, bem como a inclusão de novas variáveis que podem influenciar a satisfação conjugal, de forma a fazer a análise dos seus preditores.

Outra proposta sugerida baseia-se em aplicar este tipo de investigação em casais de namorados e verificar quais as diferenças entre indivíduos casados e solteiros.

Finalizando, espera-se que as informações descritas neste estudo possam contribuir para novas investigações sobre esta temática, da mesma forma que nos possibilitou ampliar os conhecimentos e compreensão de certos aspetos patentes na satisfação conjugal.

#### 5.4. Conclusão final

A pertinência de estudar as relações conjugais tem, nos últimos anos, aumentado consideravelmente, uma vez que se trata de uma etapa na vida do indivíduo de grande estabilização (Nascimento et al., 2011). Todavia, vários autores têm defendido que as investigações realizadas na área pouco têm estudado a natureza do casamento, ou seja, os fatores e determinantes que fazem com que este perdure no tempo (Kazac, 1988; cit por Narciso & Costa, 1996), enquanto outros autores têm manifestado grande curiosidade em compreender a vida a dois, levantando vários questionamentos (Nascimento et al., 2011).

A felicidade depende da necessidade das pessoas em viverem de acordo com o seu verdadeiro *self*, ou seja, segundo os seus talentos e capacidades, com o intuito de alcançar a sua realização pessoal (França, 2011). A felicidade foi uma das variáveis estudadas, dada a crescente preocupação em compreender os aspectos que fazem as pessoas se sentirem felizes ou infelizes na sua vida. Pacheco (2008) refere existir uma forte associação entre a felicidade e a conjugalidade, uma vez que é no amor que os indivíduos encontram a sua plenitude e complementaridade.

A importância do bem-estar subjetivo como variável de estudo, resume-se ao facto de, como na felicidade, os relacionamentos amorosos surgirem como meio importante para atingir a totalidade do indivíduo, sentindo-se emocionalmente e cognitivamente mais satisfeitos com as suas vidas (Demirtas & Tezer, 2012). Kiecolt-Glaser e Newton (2001) mencionam que o bem-estar subjetivo implica maior satisfação com a vida e melhor bem-estar físico e psicológico, sendo que, mediante Stutzer e Frey (2005), as pessoas em situação de conjugalidade apresentam maior bem-estar subjetivo do que aquelas que se encontram em outro tipo de estado civil.

Os fatores que influenciam os níveis de felicidade e de bem-estar subjetivo são essenciais para a compreensão e para a melhoria da saúde física e mental dos indivíduos (França, 2011). Estes construtos, segundo a mesma autora (França, 2011), dependem de duas dimensões, nomeadamente a satisfação com a vida como um todo integrado e o conjunto de afetos positivos e negativos, avaliados como emoções e sensações.

A nível de personalidade, Rammstedt e Schupp (2008) apelam ao ditado popular que “os opostos se atraem” para contradizer esta ideia. De facto, possuir personalidades divergentes não parece ser um preditor de satisfação conjugal e qualidade da mesma, uma vez que as pessoas têm procurado encontrar parceiros semelhantes a si próprios,

com quem possam partilhar interesses e projectos futuros, o que foi verificado no nosso estudo.

Todavia, independentemente dos padrões de personalidade, Johnson e colaboradores (2004) relatam que os indivíduos são incentivados, pela sociedade, para o casamento e que a relação conjugal e qualidade dependem da individualidade de cada casal e da importância que atribuem aos acontecimentos do dia-a-dia (Caughlin, Huston & Houts, 2000; cit in Johnson et al., 2004),

Relativamente à satisfação sexual, Pacheco (2008) refere que existe uma forte associação com a satisfação conjugal, acreditando que uma actividade sexual feliz é imprescindível para a duração do amor e da paixão. Este aspecto foi constatado no nosso estudo, onde foi possível verificar uma elevada correlação entre estas variáveis, sendo aquela que mais importância apresentou.

Em diversos estudos realizados por Goleman (2010), o autor concluiu que cerca de 94% dos casamentos terminam nos primeiros anos. Relativamente à nossa amostra, verificamos que isto não se sucede. Estes resultados devem-se, ao facto de a maioria da nossa amostra viver neste tipo de conjugalidade há muitos anos, altura em que o casamento e as relações amorosas eram perspectivadas de forma diferente.

De acordo com Hall (2006) os casais de hoje em dia encontram-se menos satisfeitos com os seus relacionamentos. Porém, os resultados obtidos no presente trabalho não se refletiram na literatura, uma vez que uma grande percentagem da amostra de estudo se encontra satisfeita com a sua relação conjugal.

## **Referências Bibliográficas**

- Acevedo, B., Aron, A., Fisher, H., & Brown, L. (2012). Neural correlates of marital satisfaction and well-being: Reward, empathy and affect. *Clinical Neuropsychiatry*, 9, 20-31
- Almeida, L., Freire, T. (2007). *Métodos de investigação em Psicologia e Educação* (4ªEd.). Braga: Psiquilíbrios
- Amaro, F. (2004). A família portuguesa: Tendências actuais. *Cidade Solidária*, Julho, 2-5
- Angner, E. (2010). Subjective well-being. *The Journal of Social-Economics*, 39, 361-368
- Asoodeh, M., Khalili, S., Daneshpour, M., & Lavasani, M. (2010). Factors of successful marriage: Accounts from self described happy couples. *Procedia Social and Behavioral Sciences*, 5, 2042-2046.
- Barros, O. (2010). *Psicologia Positiva: Uma Nova Psicologia*. Porto: Legis Editora.
- Benkovskaia, I. (2008). *Satisfação conjugal, afectividade e proximidade ao cônjuge: Diferenças entre casais com filhos e sem filhos e aos longo dos anos de relação*. Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa
- Boden, J., Fischer, J., & Niehuis, S. (2009). Predicting marital adjustment from young adults' initial levels and changes in emotional intimacy over time: A 25-year longitudinal study. *Journal of Adult Development*, 17, 121-134
- Bodenmann, G., Ledermann, T., & Bradbury, T. (2007). Stress, sex and satisfaction in marriage. *Personal Relationships*, 14, 551-569.
- Botwin, M., & Shakelford, D. (1997). Personality and mate preferences: Five factors in mate selection and marital satisfaction. *Journal of Personality*, 65(1), 107-136

- Brown, S. (2004). Moving from cohabitation to marriage: Effects on relationship quality. *Social Science Research, 33*, 1-19
- Bueno, D. (2012). *Regras essenciais de estilo da APA*. Porto Alegre: Penso
- Charles, K., & Luoh, M. (2010). Male incarceration, the marriage market and female outcomes. *The Review of Economics and Statistics, 92* (3), 614-627
- Chen, Z., Tanaka, N., Uji, M., Hiramura, H., Shikai, N., Fujihara, S. et al. (2007). The role of personalities in the marital adjustment of Japanese couples. *Social Behavior and Personality, 35*, 561-572.
- Claxton, A., O'Rourke, N., Smith, J., & DeLongis, A. (2013). Personality traits and marital satisfaction within enduring relationship: An intra-couple discrepancy approach. *Journal of Social and Personal Relationships, 29* (3), 375-396
- Costa, P., Terracciano, A., & McCrae, R. (2001). Gender differences in personality traits across cultures: Robust and surprising findings. *Journal of Personality and Social Psychology, 81*, 322-331.
- Crespo, C. (2007). *Rituais familiares e o casal: Paisagens inter-sistémicas*. Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa
- Demirtas, S., & Tezer, E. (2012). Romantic relationship satisfaction, commitment to career choices and subjective well-being. *Social and Behavioral Sciences, 46*, 2542-2549.
- Dias, J. (2009). *A satisfação conjugal, a depressão e a sexualidade na terceira idade*. Tese de Mestrado, Universidade do Porto
- Diener, E., Gohm, C.L., Suh, E.M., Oishi, S. (2000). Similarity of the relations between marital status and subjective well-being across cultures. *Journal of Cross Cultural Psychology, 31* (4), 419-436.

- Donnellan, M., Conger, R., & Bryant, C. (2004). The big five and enduring marriages. *Journal of Research in Personality, 38*, 481-504
- Duarte, C. (2005). *Percepções de conflito e violência conjugal*. Tese de Doutoramento em Psicologia, Universidade do Porto.
- Easterlin, R. (2002). *Happiness of women and men in later life: Nature, determinants and prospects*. Tese de Doutoramento, University of Southern California
- Elias, A. (2010). *Valores sociais e dimensões da personalidade: Uma relação possível?*. Tese de Mestrado, Instituto Universitário de Lisboa
- Eurostat (2000). European Statistics System. Obtido em 7 de Março, 2013, em <http://www.epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page/portal/eurostat/home/>
- Farah, L., & Shaham, V. (2011). The effect of sexual skills training on marital satisfaction. *Procedia- Social and Behavioral Sciences, 30*, 2581-2585
- Faulkner, R., Davey, M. & Davey, A. (2005). Gender-Related Predictors of Change in Marital Satisfaction and Marital Conflict. *The American Journal of Family Therapy, 33*, 61-83
- Féres-Carneiro, T. (2001). *Casamento e família: Do social à clínica*. Rio de Janeiro: Nau
- Fonseca, S. (2011). *Do namoro ao casamento: Histórias que se constroem*. Tese de Mestrado, Universidade do Porto
- Fortunato, R. (2009). *Ecossistemas da idade, sexo e nível sócio-económico em dimensões da conjugalidade: Satisfação, vinculação/afectividade e proximidade*. Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa

- França, S. (2011). *Terapia por Eye Movement Dessensitization and Reprocessing e possível impacto nos níveis de bem-estar subjectivo: Um estudo de caso*. Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa
- Gaia, C. (2002). Understanding emotional intimacy: A review of conceptualization, assessment and the role of gender. *International Social Science Review*, 77, 151-170.
- Glenn, N., Uecker, J., & Love, R. (2010). Later first marriage and marital success. *Social Science Research*, 39, 787-800
- Goleman, D. (2010). *Inteligência Emocional*. Lisboa: Temas e Debates
- Gomes, M. (2011). *À procura de pistas para uma conjugalidade satisfeita: Entre indicadores de risco estático e formas conjugais*. Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa
- Gottman, J., Gottman, J., & DeClaire, J. (2006). *Ten lessons to transform your marriage*. New York.: Crown Publishers.
- Gottman, J., & Silver, N. (2001). *Os Sete Princípios do Casamento*. Cascais-Portugal: Editora Pergaminho.
- Guedes, I. (2012). *Sentimentos insegurança, personalidade e emoções disposicionais: Que relações?*. Tese de Mestrado, Universidade do Porto
- Hall, S. (2006). Marital Meaning: Exploring young adult's belief systems about marriage. *Journal of Family Issues*, 27, 1437-1458
- Hassebrauck, M., & Fehr, B. (2002). Dimensions of relationship quality. *Personal Relationships*, 9, 253-270
- Hawkins, D. & Booth, A. (2005). Unhappily ever after: Effects of long-term, low quality marriages on well-being. *Social Forces*, 84, 445-465.

- Hook, M.K., Gerstein, L. H., Detterich, L., & Gridley, B. (2003). How close are we? Measuring intimacy and examining gender differences. *Journal of Counseling & Development, 81*, 462-473.
- Instituto Nacional de Estatística (2011). *Estatísticas Populacionais*. Lisboa
- Quevedo, R., & Abella, M. (2010). Well-being and personality: Facet-level analyses. *Personality and Individual Differences, 50*, 206-211.
- Jerskey, B., Panizzon, M., Jacobson, K., Neale, M., Grant, M., Schultz, M., Eisen, S., Tsung, M., & Lyons, M. (2010). Marriage and divorce: A genetic perspective. *Personality and Individual Differences, 49*, 473-478
- Johnson, W., McGue, M., Krueger, R., & Bouchard, T. (2004). Marriage and Personality: A genetic analysis. *Personality and Individual Differences, 86*(2), 285-294
- Juvva, S., & Bhatti, R. (2006). Epigenetic model of marital expectations. *Contemporary Family Therapy, 28*, 61-72
- Kageyama, J. (2012). Happiness and sex difference in life expectancy. *Journal Happiness Study, 13*, 947-967
- Kashdan, T. B. (2004). The assessment of subjective well-being (issues raised by the Oxford Happiness Questionnaire). *Personality and Individual Differences, 36*, 1225-1232.
- Kaufman, G., & Taniguchi, H. (2006). Gender and marital happiness in later life. *Journal of Family Issues, 27*(6), 735-757
- Khaleque, A. R., & Rohner, N. (2004). Intimate adult relationships, quality of life and psychological adjustment. *Social Indicators Research, 69*, 351-360.

- Khazaei, M., Rostami, R., & Zaryabi, A. (2011). The relationship between sexual dysfunctions and marital satisfaction in Iranian married students. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 30, 783-785
- Kiecolt-Glaser, J. K. & Newton, T. L. (2001). Marriage and health: His and hers. *Psychological Bulletin*, 127(4), 472-503.
- Kraus, C., Eberle, M., & Kappeler, P. M. (2008). The costs of risky male behaviour: Sex differences in seasonal survival in a small sexually monomorphic primate. *Proceedings of the Royal Society B*, 275, 1635–1644.
- Lawyck, B., Luyten, P., Demyttenaere, K., & Corveleyn, J. (2008). The role of romantic attachment and self-criticism and dependency for the relationship satisfaction of community adults. *Journal of Family Therapy*, 30, 78-95.
- Lee, K., & Ono, H. (2008). Specialization and happiness in marriage: A U.S.-Japan comparison. *Social Science Research*, 37, 1216-1234
- Leite, S. (2003). A união de facto em Portugal. *Revista de Estudos Demográficos*, 33, 95-140
- Litzinger, S., & Gordon, K. (2012). Exploring relationships among communication, sexual satisfaction and marital satisfaction. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 31(5), 409-424
- Marcão, A. (2008). *Dimensões da conjugalidade e as relações com as diferenças de sexo e o nível de escolaridade*. Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa
- Menezes, M. (2008). *Satisfação conjugal, auto-estima e imagem corporal e indivíduos ostomizados*. Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa
- Minnotte, K., Pedersen, D., & Mannon, S. (2010). The emotional terrain of parenting and marriage: Emotion work and marital satisfaction. *The Social Science Journal*, 47, 747-761

- Narciso, I. (2001). *Conjugalidades satisfeitas mas não perfeitas: à procura do padrão que liga*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Narciso, I. & Costa, M.E. (1996). Amores satisfeitos, mas não perfeitos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 115-130.
- Narciso, I. & Ribeiro, M. T. (2009). *Olhares sobre a conjugalidade*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Nascimento, R., Lopes, R., Cerutti, F., Esteves, C., Iatchac, F., & Argimon, I. (2011). Factores essenciais na manutenção do casamento: Estudo de caso. *Portal dos Psicólogos*, 1-13. Obtido em 4 de novembro, 2012, em [http://www.psicologia.pt/artigos/ver\\_artigo.php?codigo=A0581](http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0581)
- Neff, L., & Karney, B. (2004). How does context affect intimate relationships? Linking external stress and cognitive processes within marriage. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 30, 134–148.
- Nogueira, C. (2001). *Feminismo e discurso do género na Psicologia Social*. Tese de Mestrado, Universidade do Minho
- Norgren, M., Souza, R., Kaslow, F. Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: Uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 575-584
- Novo, R. (2003). *Para Além da Eudaimonia-O Bem-Estar Psicológico em Mulheres na Idade Adulta Avançada*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Oleiro, J. (2011). *A intimidade nos jovens adultos em contexto de relação amorosa: A influência do sexo e da idade*. Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa

- Pacheco, A. (2008). *Olhando a satisfação: Um estudo exploratório em casais portugueses*. Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa
- Pais Ribeiro, J., & Cummins, R. (2008) O bem-estar pessoal: estudo de validação da versão portuguesa da escala. In: I.Leal, J.Pais-Ribeiro, I. Silva & S.Marques (Edts.). *Actas do 7º congresso nacional de psicologia da saúde* (pp. 505-508). Lisboa: ISPA
- Perlim, G. & Diniz, G. (2005). Casais que trabalham e são felizes: Mito ou Realidade? *Psicologia Clinica*, 17(2), 15 – 29
- Pinto, J. (2011). *Personalidade e Psicopatologia: Implicações na compulsividade sexual*. Tese de Mestrado, Universidade de Aveiro
- Pishva, N., Ghalehban, M., Moradi, A., & Hoseini, L. (2011). Personality and Happiness. *Social and Behavioral Sciences*, 30, 429-432.
- Popovic, M. (2005). Intimacy and its relevance in human functioning. *Sexual and Relationship Therapy*, 20(1), 31-49.
- Rammstedt, B., & Schupp, J. (2008). Only the congruent survive – Personality similarities in couples. *Personality and Individual Differences*, 45, 533-535.
- Renshaw, K., Blais, R., & Smith, T. (2010). Components of negative affectivity and marital satisfaction: The importance of actor and partner anger. *Journal of Research in Personality*, 44, 328-334
- Ribeiro, T. (2002). *Da diversidade do masculino e do feminino à singularidade do casal*. Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Rosa, C. (2009). *A identidade dialógica de um prisma empírico: Um estudo sobre a conjugalidade*. Tese de Doutoramento, Universidade do Minho

- Rosa, M. (2002). Notas sobre a população: A quebra do número de casamentos. *Análise Social*, 35, 667-672
- Rosen, R., & Bachmann, G. (2008). Sexual well-being, happiness and satisfaction in women: The case for a new conceptual paradigm. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 34(4), 291-297
- Santos, C. (2010). *Intimidades conjugais: Das significações e percursos de intimidade à proximidade emocional*. Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa
- Schackelford, T., & Buss, D. (2000). Marital satisfaction and spousal cost-infliction. *Personality and Individual Differences*, 28, 917-928
- Seligman, M.E.P., Parks, A.C. & Steen, T. (2006). A balanced psychology and a full life. In F. Huppert, B. Keverne & N. Baylis, (Eds.), *The science of well-being* (pp. 275-283), Oxford: Oxford University Press.
- Silva, C. (2008). *Caminhando entre passos tradicionais e modernos: Um olhar sobre a satisfação conjugal*. Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa
- Sprecher, S., Christopher, F. S., & Cate, R. (2006). Sexuality in close relationships. In A. Vangelisti, & D. Perlman (Eds.), *The Cambridge handbook of personal relationships* (pp. 463-482). New York: Cambridge University Press.
- Stewart, A., & McDermott, C. (2003). Gender in psychology. *Annual Review of Psychology*, 55, 519-544.
- Stewart, M., Watson, R., Clark, A., Ebmeir, K., & Deary, I. (2010). A hierarchy of happiness? Mokken scaling analysis of the Oxford Happiness Inventory. *Personality and Individual Differences*, 48, 845-848.
- Stutzer, A., & Frey, B. (2006). Does marriage make people happy, or do happy people get married?. *The Journal of Socio-Economics*, 35, 326-347.

- Torppa, C. B. (2009). Preparing adolescents and young adults for marriage: Developing realistic expectations for family communication. Fact sheet. *Family and Consumer Sciences*. Obtido em 23 de maio, 2013, em <http://ohioline.osu.edu/flm00/pdf/fs04.pdf>
- Triandis, H., & Suh, E. (2002). Cultural influences on personality. *Annual Reviews of Psychology*, 53, 133-160
- Trudel, G. (2013). Sexuality and marital life: Results of a survey. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 2 (3), 229-249
- Watson, D., & Humrichouse, J.(2006). Personality development in emerging adulthood: Integrating evidence from self-ratings and spouse ratings. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91, 959-974.
- Wilcox, W., & Nock, S.(2006). What's love got to do with it? Equality, equity, commitment, and women's marital quality. *Social Forces*, 84, 1321–1345.
- Wilcox, W., & Nock, S.(2007). Her marriage after the revolutions. *Sociological Forum*, 22, 104–111.
- Wright, D., Simmons, L., & Campbell, K. (2007). Does a marriage ideal exist? Using Q-sort methodology to compare young adults and professional educators' views on healthy marriages. *Contemporary Family Therapy*, 29(4), 22
- Veenhoven, R. (2008). Healthy happiness: Effects of happiness on physical health and the consequences for preventive health care. *Journal of Happiness Studies*, 9, 449–469.

# **ANEXOS**

**ANEXO I**

**Consentimento Informado**



## Consentimento Informado

O presente estudo de investigação, intitulado como “Determinantes da Satisfação Conjugal: Felicidade, Bem-estar Subjectivo, Personalidade e Satisfação sexual”, está a ser desenvolvido no âmbito da tese de mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde da Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Filosofia, pela aluna Tânia Alexandra Martins Carvalho sob orientação da Professora Doutora Eleonora Cunha.

Pretende-se verificar a satisfação que os casais portugueses têm com o seu casamento, bem como identificar os determinantes essenciais para que este seja bem-sucedido.

Seguindo todos os aspectos éticos, os dados recolhidos serão confidenciais, tal como a sua participação voluntária no mesmo. A sua colaboração é de máxima importância para o seguimento deste estudo, pelo que agradecemos a sua disponibilidade e participação.

Eu, \_\_\_\_\_ aceito participar de livre vontade no presente estudo, autorizando a utilização dos dados para fim científico, com a garantia de que será mantida a confidencialidade face à identidade do participante que será identificado com um número, não havendo registo do nome.

### *Assinaturas*

Investigador \_\_\_\_\_

Participante \_\_\_\_\_

Data: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

**ANEXO II**

**Questionário Sociodemográfico**

## Questionário Sociodemográfico

---

### *Determinantes da Satisfação Conjugal: Felicidade, Bem-estar Subjectivo, Personalidade e Satisfação Sexual (Carvalho & Costa, 2012)*

Coloque uma cruz (X) na resposta com que mais se identifica.

#### 1. Sexo

F  M

#### 2. Idade

\_\_\_\_ anos

#### 3. Origem étnica

Caucasiana

Afro-americana

Hispânica

Asiática

#### 4. Zona de residência habitual

Norte  Rural

Centro  Urbano

Sul

#### 5. Educação

0 a 4 anos de escolaridade

5 a 6 anos de escolaridade

7 a 9 anos de escolaridade

10 a 12 anos de escolaridade

Ensino Superior

Curso: \_\_\_\_\_

#### 6. Situação relacional

Casamento  União de facto  Duração da relação \_\_\_\_ anos

Nº de filhos \_\_ Idades \_\_\_\_\_

Agregado familiar:

Com filhos e/ou crianças

Com companheiro/marido

Com ambos

Com outros familiares

## 7. Situação de empregabilidade

Empregado  Desempregado

↳ Por conta própria  Por conta de outrem

↳ Profissão \_\_\_\_\_

Rendimento mensal

↳ Menos de 560 euros

↳ 560 a 800 euros

↳ Mais de 800 euros

## 8. Religião

## 9. Política

Considera-se religioso (a)? Sim  Não

Esquerda

Se sim, qual?

Direita

Católico praticante

Centro Esquerda

Católico não praticante

Centro Direita

Protestante evangélico

Sem religião

OutA

## 9. Doença física e mental

Sem doença física  Com doença física  Qual? \_\_\_\_\_

Sem doença mental  Com doença mental  Qual? \_\_\_\_\_

**ANEXO III**

**Escala de Avaliação da Satisfação**  
**em Áreas da Vida Conjugal**  
**(EASAVIC)**

## EASAVIC

(Narciso, I. & Costa, E., 1996)

Pense no percurso da sua relação conjugal antes do aparecimento da doença do seu cônjuge. Utilize a seguinte escala de modo a expressar o que sentia relativamente a cada expressão.

- 1 - Nada satisfeito(a)                      2 - Pouco satisfeito(a)                      3 - Razoavelmente satisfeito(a)  
4 - Satisfeito(a)                              5 - Muito satisfeito(a)                      6 - Completamente satisfeito(a)

Para cada um dos itens deverá escolher a afirmação que melhor descreve o que você sentia, rodeando o número correspondente com um círculo.

*Por exemplo, se em relação ao item: "Relativamente à quantidade de tempos livres", você sentia-se completamente satisfeito(a) deverá rodear com um círculo o número 6 da escala ( 1 2 3 4 5 **6** )*

- |   |   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 O modo como geríamos a nossa situação financeira                    | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 2 A distribuição das tarefas domésticas                               | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 3 O modo como tomávamos decisões                                      | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 4 A distribuição das responsabilidades                                | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 5 O modo como passávamos os nossos tempos livres                      | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 6 A quantidade de tempos livres                                       | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 7 O modo como nos relacionávamos com os amigos                        | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 8 O modo como nos relacionávamos com a família do meu cônjuge         | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 9 O modo como nos relacionávamos com a minha família                  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 10 A minha privacidade e autonomia                                    | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 11 A privacidade e autonomia do meu cônjuge                           | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 12 A nossa relação com a minha profissão                              | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 13 A nossa relação com a profissão do meu cônjuge                     | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 14 A frequência com que conversávamos                                 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 15 O modo como conversávamos  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 16 Os assuntos sobre os quais conversávamos                           | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 17 A frequência dos conflitos que tivemos                             | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 18 O modo como resolvemos os conflitos                                | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 19 O que sentia pelo meu cônjuge                                      | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 20 O que o meu cônjuge sentia por mim                                 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 21 O modo como expressei o que senti pelo meu cônjuge                 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 22 O modo como o meu cônjuge expressou o que sentia por mim           | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 23 O desejo sexual que sentia pelo meu cônjuge                        | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 24 O desejo sexual que o meu cônjuge sentia por mim                   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 25 A frequência com que tínhamos relações sexuais                     | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 26 O prazer que sentia quando tínhamos relações sexuais               | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 27 O prazer que o meu cônjuge sentia quando tínhamos relações sexuais | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 28 A qualidade das nossas relações sexuais                            | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 29 O apoio emocional que dei ao meu cônjuge                           | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 30 O apoio emocional que o meu cônjuge me deu                         | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |

31	A confiança que tinha no meu cônjuge	1	2	3	4	5	6
32	A confiança que o meu cônjuge tinha em mim	1	2	3	4	5	6
33	A admiração que sentia pelo meu cônjuge	1	2	3	4	5	6
34	A admiração que o meu cônjuge sentia por mim	1	2	3	4	5	6
35	A partilha de interesses e actividades	1	2	3	4	5	6
36	A atenção que dediquei aos interesses do meu cônjuge	1	2	3	4	5	6
37	A atenção que o meu cônjuge dedicou aos meus interesses	1	2	3	4	5	6
38	Os nossos projectos para o futuro	1	2	3	4	5	6
39	As minhas expectativas quanto ao futuro da nossa relação	1	2	3	4	5	6
40	As expectativas do meu cônjuge quanto ao futuro da nossa relação	1	2	3	4	5	6
41	O aspecto físico do meu cônjuge	1	2	3	4	5	6
42	A opinião que o meu cônjuge tinha sobre o meu aspecto físico	1	2	3	4	5	6
43	As características e hábitos do meu cônjuge	1	2	3	4	5	6
44	A opinião que o meu cônjuge tinha sobre as minhas características e hábitos.	1	2	3	4	5	6

## **ANEXO IV**

# **Escala Sobre a Felicidade (ESAF)**

## ANEXO E

### Escala sobre a Felicidade

(Barros, 2001)

Este questionário pretende conhecer o que pensam as pessoas a respeito de si mesmas e da vida. Responda sinceramente a todas as perguntas, conforme aquilo que verdadeiramente sente e não como gostaria de ser. Todas as respostas são boas, desde que sinceras. O questionário é anónimo. Obrigado pela sua colaboração.

*Faça um círculo (só um em cada resposta) em volta do número que melhor corresponda à sua situação (evitando, se possível, o número intermédio), conforme este significado:*

1. Totalmente em desacordo (absolutamente não)
2. Bastante em desacordo (não)
3. Nem de acordo nem em desacordo (mais ou menos)
4. Bastante de acordo (sim)
5. Totalmente de acordo (absolutamente sim)

1. Sinto-me bem comigo mesmo	1 2 3 4 5
2. Tenho um bom conceito de mim mesmo	1 2 3 4 5
3. Aceito-me como sou	1 2 3 4 5
4. Relaciono-me bem com as outras pessoas	1 2 3 4 5
5. Faço amigos facilmente	1 2 3 4 5
6. Gosto de me sentir livre	1 2 3 4 5
7. Controlo o ambiente em que vivo	1 2 3 4 5
8. Aceito o meu passado	1 2 3 4 5
9. Sei viver o momento presente	1 2 3 4 5
10. Tenho projectos para o futuro	1 2 3 4 5
11. Espero evoluir cada vez mais	1 2 3 4 5
12. Sinto-me uma pessoa feliz	1 2 3 4 5
13. Luto pelo meu bem-estar	1 2 3 4 5
14. Considero-me uma pessoa alegre	1 2 3 4 5
15. Sinto-me satisfeito com a vida	1 2 3 4 5
16. Tenho conseguido atingir os meus objectivos	1 2 3 4 5
17. Considero-me uma pessoa cheia de esperança	1 2 3 4 5
18. Tenho bastante sentido de humor	1 2 3 4 5

Data:

Cf. Barros, J. (2001). Felicidade: Natureza e avaliação (proposta de uma nova escala). *Psicologia, Educação e Cultura*, 5 (2), 289-318.

**ANEXO V**

**Índice de Bem-estar Pessoal (IBP)**

### SATISFAÇÃO COM A VIDA

As perguntas seguintes questionam, numa escala de "0" a "10", o seu grau de satisfação. "0" significa que se sente totalmente insatisfeito, 10 significa que se sente totalmente satisfeito. No meio da escala está o 5 que significa neutro (nem satisfeito nem insatisfeito).

1. Qual o grau de satisfação com o seu nível de vida?

totalmente insatisfeito	0	1	2	3	4	5 neutro	6	7	8	9	10	totalmente satisfeito
-------------------------	---	---	---	---	---	----------	---	---	---	---	----	-----------------------

2. Qual o grau de satisfação com a sua saúde?

totalmente insatisfeito	0	1	2	3	4	5 neutro	6	7	8	9	10	totalmente satisfeito
-------------------------	---	---	---	---	---	----------	---	---	---	---	----	-----------------------

3. Qual o grau de satisfação com o que está a conseguir obter da vida com o seu esforço?

totalmente insatisfeito	0	1	2	3	4	5 neutro	6	7	8	9	10	totalmente satisfeito
-------------------------	---	---	---	---	---	----------	---	---	---	---	----	-----------------------

4. Qual o grau de satisfação com as suas relações pessoais?

totalmente insatisfeito	0	1	2	3	4	5 neutro	6	7	8	9	10	totalmente satisfeito
-------------------------	---	---	---	---	---	----------	---	---	---	---	----	-----------------------

5. Qual o grau de satisfação com a sua segurança (quando se desloca pelas ruas)?

totalmente insatisfeito	0	1	2	3	4	5 neutro	6	7	8	9	10	totalmente satisfeito
-------------------------	---	---	---	---	---	----------	---	---	---	---	----	-----------------------

6. Qual o grau de satisfação com o sentimento de pertença à sua comunidade (ao grupo de pertença de que faz parte)?

totalmente insatisfeito	0	1	2	3	4	5 neutro	6	7	8	9	10	totalmente satisfeito
-------------------------	---	---	---	---	---	----------	---	---	---	---	----	-----------------------

7. Qual o grau de satisfação com a segurança do seu futuro?

totalmente insatisfeito	0	1	2	3	4	5 neutro	6	7	8	9	10	totalmente satisfeito
-------------------------	---	---	---	---	---	----------	---	---	---	---	----	-----------------------

8. Qual o grau de satisfação com a sua vida espiritual ou com a sua religião?

totalmente insatisfeito	0	1	2	3	4	5 neutro	6	7	8	9	10	totalmente satisfeito
-------------------------	---	---	---	---	---	----------	---	---	---	---	----	-----------------------

**OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO**

**ANEXO VI**

**Inventário da Personalidade NEO-**

**FFI**

*Anexo 3: Inventário de Personalidade dos Cinco Factores*

NEO-FFI Lima & Simões (2000)
---------------------------------

Leia cuidadosamente cada uma das afirmações que se seguem e assinale com uma cruz o que melhor representa a sua opinião. Responda a todas as questões.

<b>Discordo Fortemente</b> 0	<b>Discordo</b> 1	<b>Neutro</b> 2	<b>Concordo</b> 3	<b>Concordo Fortemente</b> 4
---------------------------------	----------------------	--------------------	----------------------	---------------------------------

	0	1	2	3	4
1. Não sou uma pessoa preocupada.					
2. Gosto de ter muita gente à minha volta.					
3. Não gosto de perder tempo a sonhar acordado(a).					
4. Tento ser delicado com todas as pessoas que encontro.					
5. Mantenho as minhas coisas limpas e em ordem.					
6. Sinto-me muitas vezes inferior às outras pessoas.					
7. Rio facilmente.					
8. Quando encontro uma maneira correcta de fazer qualquer coisa não mudo mais.					
9. Frequentemente arranjo discussões com a minha família e colegas de trabalho.					
10. Sou bastante capaz de organizar o meu tempo de maneira a fazer as coisas dentro do prazo.					
11. Quando estou numa grande tensão sinto-me, às vezes, como se me estivessem a fazer em pedaços.					
12. Não me considero uma pessoa alegre.					
13. Fico admirado(a) com os modelos que encontro na arte e na natureza.					
14. Algumas pessoas pensam que sou invejoso(a) e egoísta.					
15. Não sou uma pessoa muito metódica (ordenada).					
16. Raramente me sinto só ou abatido(a).					
17. Gosto muito de falar com as outras pessoas.					
18. Acredito que deixar os alunos ouvir pessoas, com ideias discutíveis, só os pode confundir e desorientar.					
19. Preferia colaborar com as outras pessoas do que competir com elas.					
20. Tento realizar, conscienciosamente, todas as minhas obrigações.					
21. Muitas vezes sinto-me tenso(a) e enervado(a).					
22. Gosto de estar onde está a acção.					
23. A poesia pouco ou nada me diz.					
24. Tendo a ser descrente ou a duvidar das boas intenções dos outros.					
25. Tenho objectivos claros e faço por atingi-los de uma forma ordenada.					
26. Às vezes sinto-me completamente inútil.					
27. Normalmente prefiro fazer as coisas sozinho(a).					
28. Frequentemente experimento comidas novas e desconhecidas.					
29. Penso que a maior parte das pessoas abusa de nós, de as deixarmos.					
30. Perco muito tempo antes de me concentrar no trabalho.					
31. Raramente me sinto amedrontado(a) ou ansioso(a).					
32. Muitas vezes, sinto-me a rebentar de energia.					



Discordo Fortemente 0	Discordo 1	Neutro 2	Concordo 3	Concordo Fortemente 4
--------------------------	---------------	-------------	---------------	--------------------------

	0	1	2	3	4
33. Poucas vezes me dou conta da influência que diferentes ambientes produzem nas pessoas.					
34. A maioria das pessoas que conheço gostam de mim.					
35. Trabalho muito para conseguir o que quero.					
36. Muitas vezes aborreço-me a maneira como as pessoas me tratam.					
37. Sou uma pessoa alegre e bem disposta.					
38. Acredito que devemos ter em conta a autoridade religiosa quando se trata de tomar decisões respeitantes à moral.					
39. Algumas pessoas consideram-me frio(a) e calculista.					
40. Quando assumo um compromisso podem sempre contar que eu o cumpra.					
41. Muitas vezes quando as coisas não me correm bem perco a coragem e tenho vontade de desistir.					
42. Não sou um(a) grande optimista.					
43. As vezes ao ler poesia e ao olhar para uma obra de arte sinto um arrepio ou uma onda de emoção.					
44. Sou inflexível e duro(a) nas minhas atitudes.					
45. As vezes não sou tão seguro(a) ou digno(a) de confiança como deveria ser.					
46. Raramente estou triste ou deprimido(a).					
47. A minha vida decorre a um ritmo rápido.					
48. Gosto pouco de me pronunciar sobre a natureza do universo e da condição humana.					
49. Geralmente procuro ser atencioso(a) e delicado(a).					
50. Sou uma pessoa aplicada, conseguindo sempre realizar o meu trabalho.					
51. Sinto-me, muitas vezes, desamparado(a), desejando que alguém resolva os meus problemas por mim.					
52. Sou uma pessoa muito activa.					
53. Tenho muita curiosidade intelectual.					
54. Quando não gosto das pessoas faço-lhe saber.					
55. Parece que nunca consigo ser organizado(a).					
56. Já houve alturas em que fiquei tão envergonhado(a) que desejava meter-me num buraco.					
57. Prefiro tratar da minha vida a ser chefe das outras pessoas.					
58. Muitas vezes dá-me prazer brincar com teorias e ideias abstractas.					
59. Se for necessário não hesito em manipular as pessoas para conseguir aquilo que quero.					
60. Esforço-me por ser excelente em tudo o que faço.					